Ubi Alvorado, o interprete de "Piloto 13", tendo terminado o seu trabalho nesse film, desligou-se da "Sul-America Film", afim de produzir fitas por sua conta.

Provavelmente dentro de pouco tempo elle iniciará o seu primeiro film de nova phase.

"Piloto 13", embora esteja prompto, como dissemos, ainda não foi exhibido em nossos cinemas, devendo, porém, ser apresentado dentro de certo espaço de tempo.

Ubi Alvorado acredita no successo desse film nacional.

"Piloto 13" deve-se em bôa parte á iniciativa do Sr. Arlindo Augusto do Amaral, que não poupou esforços para o exito da producção ansiosamente esperada pelos "fans" do cinema nacional.

卍

Sue Carol casou-se com Nick Stuart num domingo, dia 28 de julho do anno passado, na cidade de Ventura, na California, e a 110 kilometros de Hollywood.

Ella casou-se sob o nome de Eva Jenny Kiefer — nome de seu primeiro marido.

Nick usou seu nome rumeno — pois elle é rumeno — Niculao Pratsa.

Edward Henderson, juiz da Côrte Superior foi quem realizou a cerimonia.

Sue deu a idade de vinte e um annos: Nick a de vinte e cinco.

A profissão do noivo, segundo o certificado, é: photographo; a noiva é estudante.

O nome do pae da noiva: Sam Led, e a nacionalidade deste: tcheco.

UM SEGREDO

Sue e Nick estiveram casados durante quatro mezes, em absoluto segredo. Jornal nenhum deu a noticia do enlace. Aliás, cada qual morava em seu appartamento.

Ha tempos, houve rumores de que Sue estava noiva de George O' Brien. Sue fez uma declaração de que isso era desairoso para esse actor, — e accrescentou Hollywood em peso — para Olive Borden. Agora, esta ultima e George apromptaram-se para casar-se.

Houve razão para que Nick e Sue mantivessem segredo sobre o casamento. A mãe da linda garota não queria dar o seu consentimento e dizia-se que a Fox Film não approvava a união.

卍

Mal H. Clair vae dirigir Helen Kane em "Dangerous Nan Mc Grew" da Paramount.

卍

William Beaudine está dirigindo Betty Compson, William Boyd, De Witt Jennings e Gino Corrado em "His Woman" da First National.

卍

A Universal vae fazer mais Cohens e Kellys! Agora elles estarão na Escocia. George Sidney, Charles Murray, Kate Price e Vera Gordon volvem aos seus papeis.

卍

E' bem provavel que Rod La Rocque seja o protagonista de "Lincoln" o proximo e já tão falado film de Griffith.

Betty Balfor está muito doente. Esta noticia foi da Inglaterra para os Estados Unidos e de lá para nós. Já deve estar restabelecida.

AS PRIMEIRAS SCENAS DE "SAUDADE", DA BENEDETTI FILM.

DIDI VIANA E MARIO MARINHO

OS ultimos jornaes europeus, especialmente os que mais se interessam pelas cousas do Cinema, trazem noticias abundantes sobre as actividades a que o film sonoro vae obrigando as empresas productoras do velho mundo.

O film americano dominou desde 1915 mais ou menos todos os mercados do mundo. Era uma industria que surgia poderosa e sem o temor da concorrencia que a guerra não permittia. Quando da paz, do armisticio já o industrial europeu não poude reconstituir as suas empresas de forma a impedir a invasão yankee cujos Studios, formidavelmente apparelhados, continuavam a inundar os mercados de todo o universo. Os capitaes invertidos na industria permittiam o dispendio de centenas de milhar de dollares em cada producção, o pagamento de fabulosos ordenados aos artistas, o dispendio com uma reclame espectaculosa, a installação de agencia em toda parte, impossibilitando a concorrencia, mesmo na séde das empresas productoras européas.

E' dos ultimos tempos a serie de medidas tomadas para evitar o desapparecimento da industria cinematographica na Europa, mercê de providencias legislativas.

Tudo se fez, tudo se tentou para evitar o predominio triumphante do film yankee, que, mesmo combatido com todas as restricções, mantinha no publico a sua preferencia, conquistada mesmo pelos deveres feitos que sobre elle lançavam, da ingenuidade dos seus enredos, do artificio das situações puerilmente creadas, em que intervinha sempre o dedo da providencia e acabava pelo casamento ao som da marcha nupcial, ao passo que o villão desapparecia, ou pela parte da cadeia ou do cemiterio; tanto é verdade que a alma humana ama as situações claras e pouco complicadas.

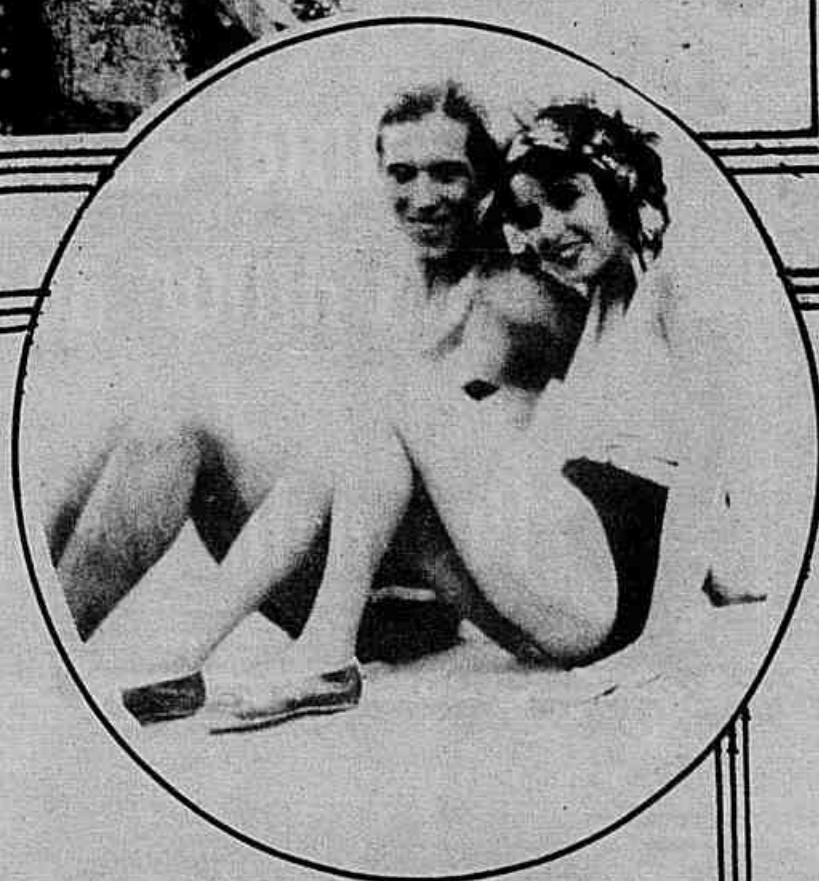
As possibilidades financeiras das empresas productoras de Norte America permittiam a creação do ambiente, do meio, da paizagem sem os artificios theatraes das peças scenographicas do theatro. O film executava-se ao ar livre e com um poder de suggestão que lhe dava todos os caracteristicos da naturalidade. Isso é que jamais conseguiam fazer, realizar os Studios europeus em que cada despeza era medida, contada, calculada, por isso que a producção economica era a unica que podia garantir o lucro, dada a escassez dos mercados.

O trabalho para introduzir o film francez, por exemplo, já nos mercados da Norte America, já nos outros em que dominara annos antes era intenso, mas sem successo.

Do italiano então, nem falemos.

O allemão tinha altos e baixos. Producções havia que triumpharam; a media geral, porém, não correspondia á expectativa dos mercados consumidores.

A nova orientação imprimida á industria pelo film sonoro veio facilitar o sentido dos emprehendimentos europeus.

Pelo que se escreve, pelo que se publica a respeito, parece que, devido á mediocridade do film mudo que ora sáe dos Studios *yankees*, o terreno se torna mais propicio á concurrencia.

E ao mesmo tempo estudam-se os meios de fazer o film sonoro em idiomas mais accessiveis aos mercados latinos do que o inglez, que continúa a ser francamente repellido em toda a parte, na propria Inglaterra que não admitte a pronuncia yankee, que arranha os ouvidos inglezes como aos nossos, por exemplo, a dos algarvios ou ilhéos.

O monopolio do apparelhamento, por outro lado, tem aguçado o espirito inventivo do europeu e já existem algumas dezenas de processos, qual delles mais louvado, para a confecção e transmissão do som por meio das ondas luminosas.

Estamos, pois, como se vê, em pleno periodo de luta e de adaptação ás novas audições da industria cinematographica.

Veremos o que de tudo isso surdirá em beneficio do cinema.

"Cinearte" apresenta... Didi Viana!

PEDRO LIMA ESCREVEU

CHEGANDO A S. PAULO, DE IPAUSSU'...

Vinte e seis horas de trem. Seguidas...

Primeiro, Central. Depois, Sorocabana.

Do Rio até Ipaussú. La longe, perto da fronteira do Paraná. No "far west" de S. Paulo. Na zona mais rica do café, onde o nome do Coronel Cunha Bueno é um cifrão nas finanças e a fazenda de Luiz Pinto, uma das mais bellas do Estado.

Apesar disso, deixar o conforto do Rio, para arriscar uma viagem assim tão penosa, é o mesmo que assistir-se a versão "muda" de um film falado americano...

Mas quem não faria um sacrificio, assim, para ir buscar alguem que será dentro em pouco uma das mais fulgurantes e das maiores revelações do Cinema Brasileiro?

Como foi possivel descobril-a assim tão longe?

Destino.

Ella sempre teve os olhos voltados para a nossa téla... E era justamente o typo que se procurava ha muito tempo para viver a heroina de "*Saudade*".

Até aqui, o nosso Cinema só buscava elementos perto do seu raio de acção. Quando muito uma companhia, a Phebo, vinha ao Rio contractar Luiz Sorôa e Nita Ney, e a Benedetti fazia vir Eva Nil de Cataguazes.

Mas o Cinema Brasileiro tem progredido tanto, que os seus horizontes tornaram-se mais vastos. Quando Gracia Morena não acceitou o seu papel em "Saudade", destinado a um typo que fôra imaginado para a sua personalidade, depois de já ter sido alterado de Lelita Rosa, só uma artista poderia sentil-o de accordo com o seu proprio temperamento — Maria Alba.

Ella foi consultada se queria vir ao Brasil posar neste film. Respondeu que sim. E que desejava até que isto succedesse o mais breve possivel.

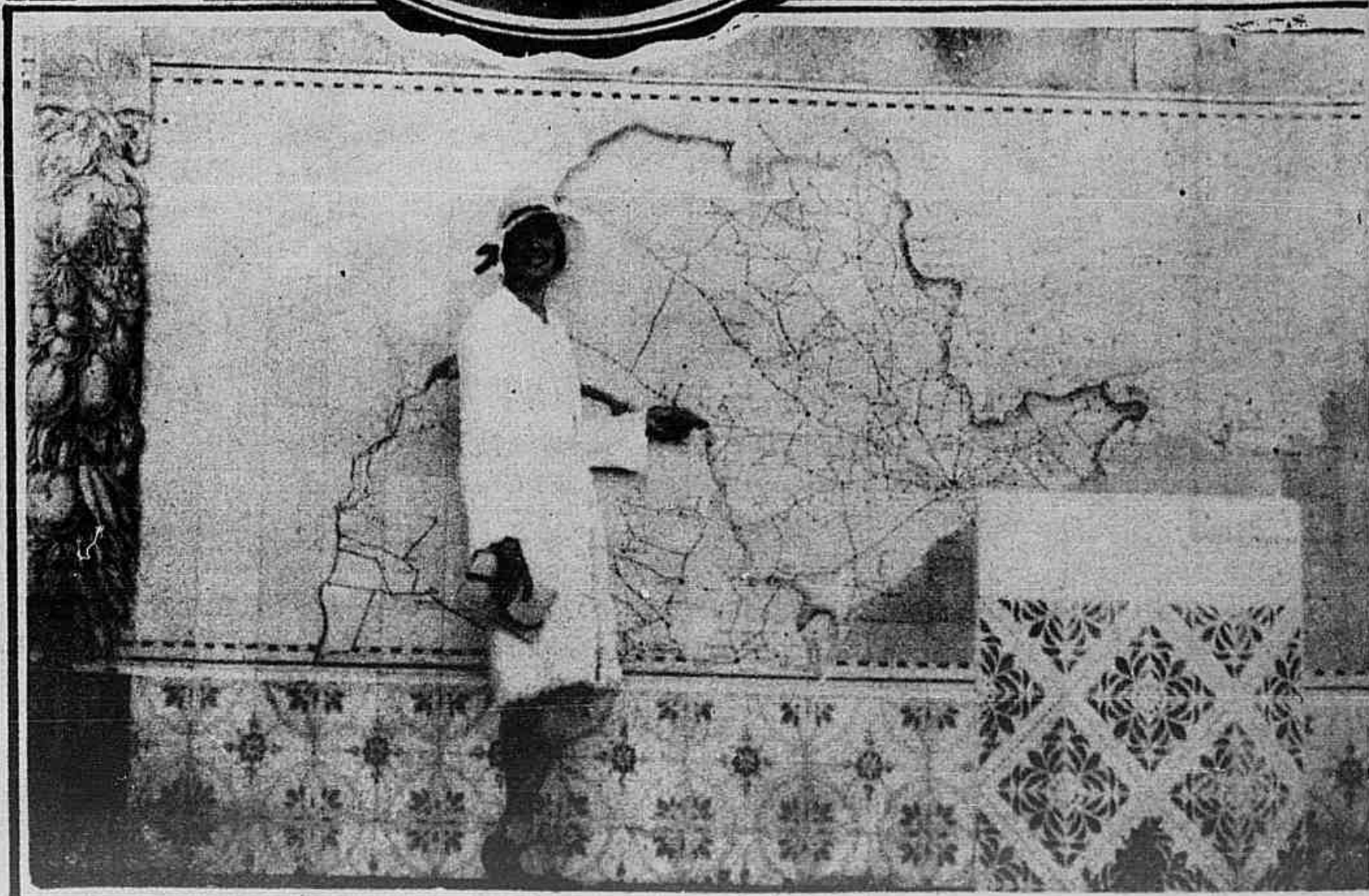
Mas, apesar do renome que daria para a nossa filmagem, seria tambem o mesmo do que descer na possibilidade de encontrar um elemento nosso, uma morena brasileira, cheia de vida e que sentisse de accordo com a maneira de sentir da nossa gente, com as mesmas subtilezas e as mesmas expressões caracteristicas da nossa alma.

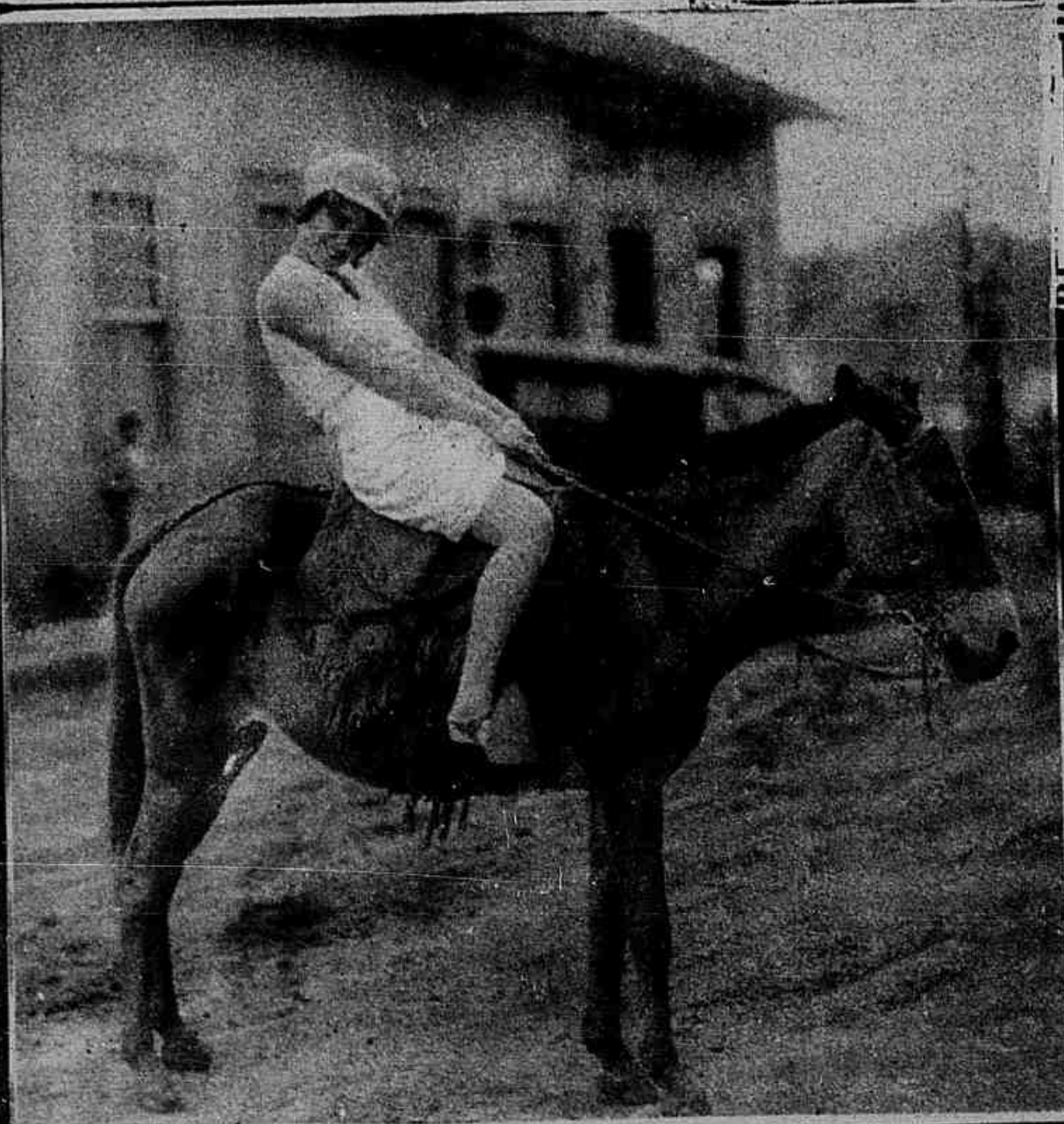
E havia tambem uma difficuldade. Nas sequencias faladas do film, como seria possivel fazer Maria Alba dar esta entoação suave, doce, do idioma brasileiro? Estava assim em cogitações a distincção da estrella de "Hell's Heroes", quando Ipaussú revelou aquella que deveria ser a heroina de "*Saudade*".

Seguiu um telegramma. Não veio resposta. Um outro, e tambem uma carta. Mas o silencio persistiu.

Que seria? Talvez um gracejo. Quem sabe mesmo se alguma vocação contrariada por certos preconceitos de familia, que infelizmente ainda existe no Brasil para as manifestações de Arte?

Mamãe e suas irmanzinhas.

Didi Viana poz Ipaussú no mappa do Estado de S. Paulo.

NO PARQUE TRIANON...

Didi chegou para fazer "Saudade"...

Sahindo de Ipaussú...

—o-o—

Numa poltrona da Sorocabana...

DE S. PAULO AO RIO, DIDI VEM DE AUTOMOVEL, MAS EM SILVEIRA CHEGOU ASSIM.

DESEMBARCANDO EM S. PAULO

Quando figurou pela primeira vez no Centro de Amadores de Ipaussú.

Tinhamos que procural-a pessoalmente e saber toda a verdade.

Outros opinaram o contrario. Tolice. Se ella realmente quizesse, teria respondido. Depois, seria arriscar muito. Ir a uma localidade lá no sertão, convidar uma moça para vir ser artista de Cinema na cidade...

Não quiz ouvir conselhos. Fui.

A este tempo, o "Diario de S. Paulo", publicava alguns retratos seus e tambem uma carta onde Didi Viana offerecia o melhor dos seus esforços ao Cinema Brasileiro...

No mesmo dia que cheguei á S. Paulo, embarquei na Sorocabana. Só *O. M.* foi levar-me á estação. Disse-lhe "good-bye", não como Stan Laurel em "Domingo de Sol", mas crente de que iria realmente me succeder alguma cousa. De bem. De mal. Sei lá o destino...

Pela primeira vez sentia-me apprehensiva pelo que me aguardaria ao fim da jornada. E pela janella do trem em carreira vertiginosa, pouco destinguia dentro da noite. Turbilhões de imagens que fogem sempre sem definir-se como o meu pensamento. De bem. De mal. Sabe-se lá o destino da gente?

E pela janella do trem, como na téla de um Cinema, continuava correndo a paizagem. A projecção não era tão nitida mas a impressão é de se estar vendo o mar. Calmo, perdendo-se longe na linha do horizonte que começa a colorir-se ligeiramente com aquelles filmszinhos da Tiffany. A principio, julguei ser cansaço da viagem. Somno. Mas não era. Tambem não podia ser o mar. Nem rio. Sei mais chorographia do que os conhecimentos geographicos dos americanos...

E aquelles vultos esguios, fincados na mais diversa forma nas oscillações do terreno? Pareciam duendes. Disformes. Esguios uns. De braços abertos outros. Differentes... Differentes todos elles, mas todos bellamente preságos...

Presentimentos estranhos... Passa uma cruz na beira da estrada e fica lá atraz sumindo-se no caminho...

Accordei quando o sol já estava alto. Adormecera com os presentimentos, ali mesmo encostado á janella.

Fui tomar café no carro restaurante. So havia outro passageiro no trem. Por signal que de Cataguazes. E se não me engano elle me disse até ser parente de um dos directores da Phebo. Fizemos logo camaradagem. Elle dizia conhecer bem toda aquella zona do 'far-west" paulista.

Perguntou-me se era a primeira viagem que eu fazia ao sertão. E para onde eu ia

Ipaussú? Conhecia o logar. Perigoso. Lá e em toda aquella zona, em Jacarézinho, não havia lei. E me contou alguns casos de fazendeiros que viviam de accordo com a sua propria consciencia quando a tinham, e de mantenedores da Justiça, que exhorbitavam dos seus deveres. E eram deshumanos...

Emquanto elle falava, eu olhava de novo pela janella. Eram só plantios a se perder de vista. Pés de café, numa succession de riqueza incalculavel. E de abandono? Não. De crise. Passageira apenas, pois a reacção dos fazendeiros tem sido um exemplo admiravel para os que descrêm das energias nacionaes.

Elle continuava falando. Contando cousas horripilantes e me chamando a attenção quando me via distrahido. Não sei se fiquei amarello alguma vez, mas com certeza augmentou meu receio pela recepção que me aguardava quando annunciasse os meus propositos...

Ipaussú, como disse o Dr. Paulo Machado, fazendeiro de nomeado no logar, quer dizer Ilha Grande. Suppunham que os rios Paranapanema e Pardo circumdasse toda aquella região, e dahi o nome. Antigamente ainda era chamado Ipaguassú, e depois ainda Paraguassú, de cujas transformações chegamos a Ipaussú, e, futuramente quem sabe que nome terá?...

Mas Ipaussú, presentemente é uma estaçãozinha do interior...

Eu vi o trem afastar-se, e com elle o riso e os votos de felicidades de mais um adeus. O ultimo?

Olhei a "cidade". Afastada da estação. Mas de boa apparencia. Seria mesmo?

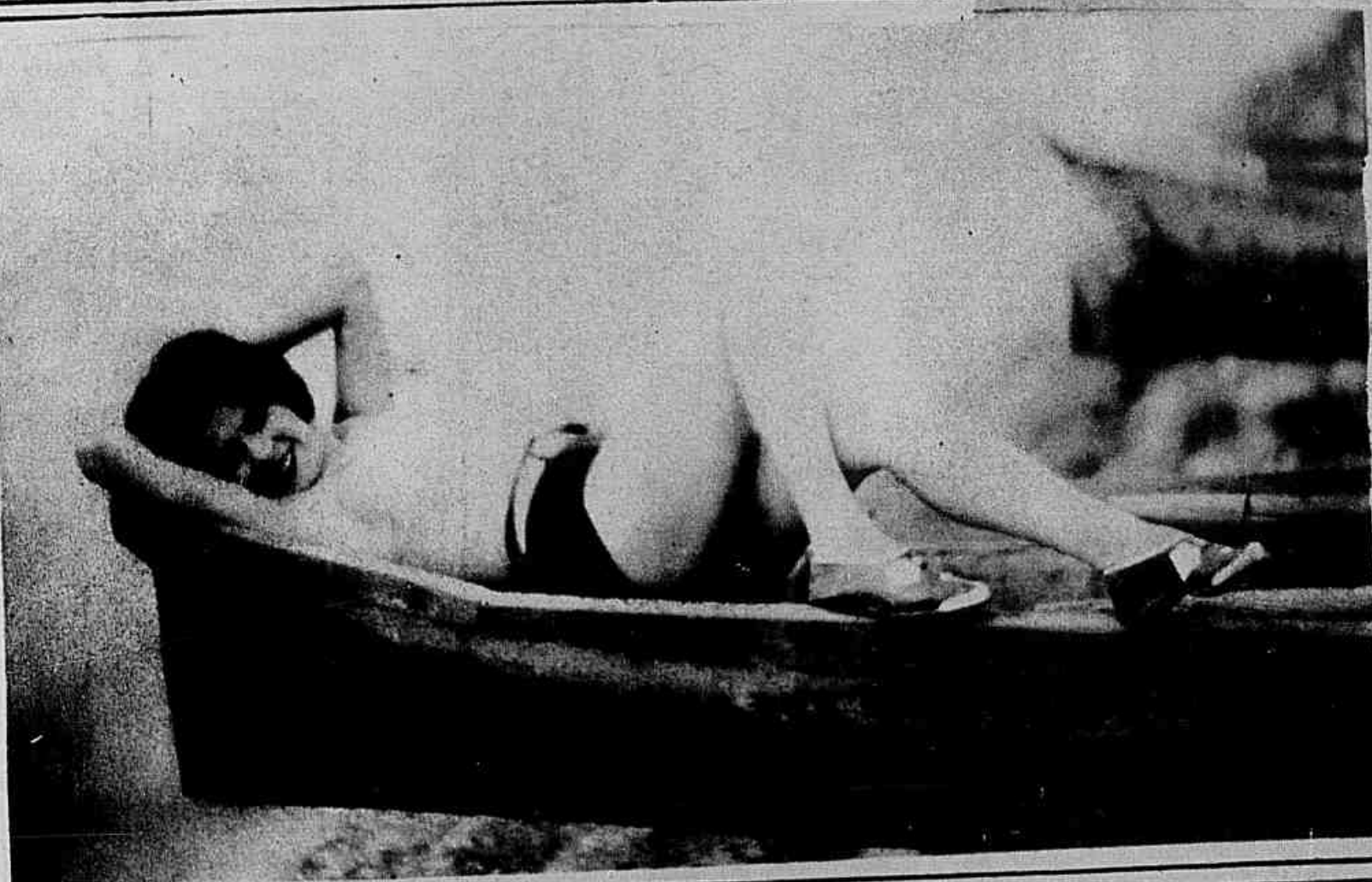
(Termina no fim do numero).

A caminho do Cinearte Studio...

Mas o Brasil tem a Didi !

NO INSTITUTO BUTANTAN COM ARNALDO FRANÇA

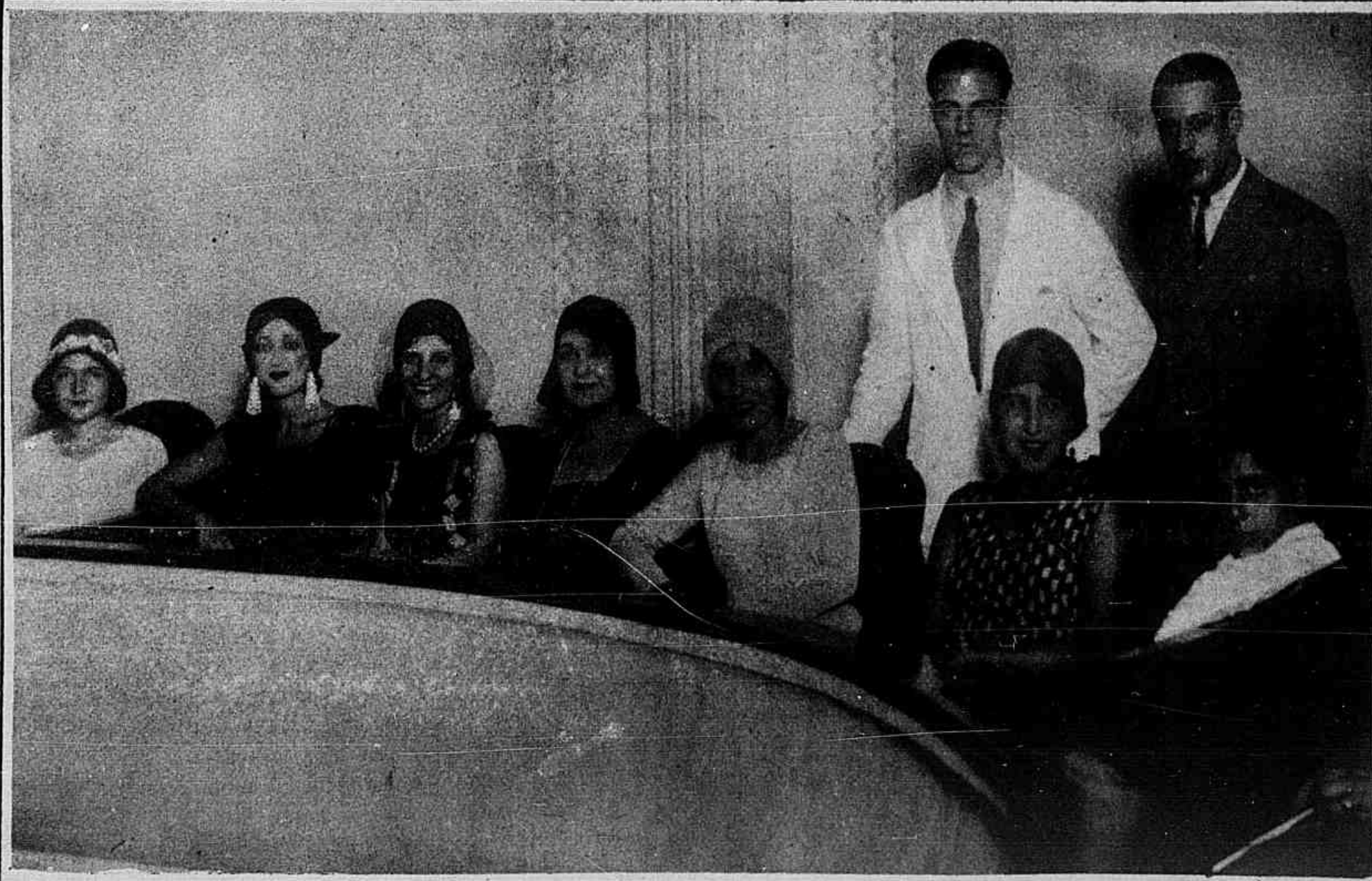
Didi foi assaltada na estrada. Mas não se assustem. Foi uma parodia a um film de series. Os assaltantes foram seu pae, Octavio Mendes e Hans Briegg, do Cinearte-Studio..."

EM IPAUSSU' QUANDO PEDRO LIMA A PUXOU PARA O RIO

JA' NO SEU PRIMEIRO DIA DE FILMAGEM

Didi ... já estou apaixonado!

NO TREM, COM SEU PAE, DEIXANDO IPAUSSU'...

Na "primeira" do film brasileiro "Sangue Mineiro" no Rialto

Grupo de alguns artistas brasileiros presentes, vendo-se Luiz Sorôa, Gracia Morena, Raul Schnoor, Paulo Morano, Maximo Serrano, Milton Dartel, Tamar Moema, Nita Ney e Pedro Lima de CINEARTE.

Os camarotes de Tamar Moema, Gracia Morena e Nita Ney, acompanhadas de suas respectivas familias. Maximo e Sorôa não podem ver machina e entraram na photographia.

E. S. (S. Lourenço) — Obrigado por tudo.

L. Y. (Curityba) — Vamos tratar do caso. "Cinearte", por varias vezes, tem-se referido ao procedimento deste pseudo director.

LINDO (Porto Alegre) — Obrigado pelas informações. Conte-me sempre essas novidades, gosto de saber. Synchronismo se diz quando a musica acompanha simultaneamente o film. Sonoro é melhor empregado quando o film, além da musica tem sons, imitações. Deve-se pedir com delicadeza e animal-a no seu trabalho. E' que as nossas estrellas tem uma correspondencia quasi inacreditavel. E' impossivel responder a todos, quando as estrellas americanas, em geral pedem dinheiro... Gostei da sua carta sobre "Barro".

A. RIBEIRO (Curityba) — Elle quiz fazer uma propaganda especial ahi em Curityba. Esta é a verdade. Obrigado pelos recortes.

M. BANDEIRA (Recife) — Entreguei a sua carta ao Pedro Lima.

R. CHUCA-CHUCA (Recife) — Já tinha lido a sua carta numa revista.

Uma scena de "Hot For Paris", com Victor Mac Laglen...

Lotus Thompson e Reed Howes em "Terry of the Times".

Pergunte-me Outra!

VIANY (Rio) — Foi entregue.

TEDDY ROLANDO (Porto Alegre) — 1° Lia, Tec, Art Studio, Mehose Ave, Hollywood, California. 2° Elly, R. Frei Caneca, 313, 3° andar. 3° Não. 4° Sim. Cinearte-Studio, R. Abilio 16, Rio.

A. CENTO (Quaraty) — Todas as photographias dos candidatos ao nosso Cinema vão para o nosso archivo que é constantemente consultado pelos nossos productores.

L. D. (Recife) — Modos de ver. Será possivel tambem que não haja uma pequena bonita no Brasil? Tamar e Gina, Cinearte-Studio, R. Abilio, 16, Rio.

ED. NOVARRO (Recife) — Foi entregue ao encarregado da secção.

JOSE' COLASSA (Rio) — Paulo Morano, Raul Schnoor e Estella Mar appareceram em "Barro Humano". Pedro Lima fazia o gazista. Gonzaga, Humberto Mauro e Benedetti appareceram no omnibus. Paulo Vanderley apparecia numa scena final que foi cortada. O poeta é João Guimarães, não sou eu não!!

GRUPO DE ADMIRADORAS (Rio) — Ella já a entrevistou e já foi publicado.

MÉLISSINDE (Rio) — Eu, "salvador", porque? Agora é você que tem de responder esta. Prefiro as montanhas porque lá não existem olhos lindos com os quaes não posso encontrar. Sim, "Cinearte" breve vae ser muito melhor. Agradeço muito a sua phrase final que honra a minha simples secção. E fique certa do triumpho. O Cinema Brasileiro é o sorriso da minha vida.

G. WILLECKE (Blumenau) — United Artists, Praça Marechal Floriano, 51, 2° andar. Universal, R. Buenos Aires, 255 e 257. Paramount, R. Evaristo da Veiga, 32. Fox, R. da Constituição, 41. Warner, R. da Candelaria, 92. First, Praça M. Floriano, 51, 1° andar. M. G. M., R. 7 de Setembro, 207. Ufa, R. Senador Dantas 91 e 93.

DIVA (S. Paulo) — Já respondi.

JACK QUIMBY (Rio Grande) — Se deseja uma opinião, aqui vae, sincera e franca: Muita literatura e pouco Cinema. "Cinearte" será augmentado e terá uma grande novidade! "Saudade" já começou. Lelita já deixou o theatro e declarou mesmo nos jornaes que não pretende voltar. Que no Cinema, sim, sente-se bem. Ella terá importante desempenho em "Saudade".

JOHN DIX (Alfenas) — Sim, publica. Não é preciso pseudonymo. Dolores Costello, Warner Bros. Studio, Sunset and Bronson, Hollywood, California. O de Betty, não sei actualmente. Obrigado.

MARINA (S. Paulo) — Didi Viana é o seu nome. Já está no Rio e já foi baptizada pela *Mitchell*. Ainda não lhe fui apresentado, mas ella já me convidou para um chá, na sua casa. Didi era uma das minhas amiguinhas aqui da "Pergunte-me outra". Ella deseja entrar para o Cinema Brasileiro e eu lhe pedi alguns retratos. Quando elles me chegaram ás mãos, ella foi escolhida immediatamente para estrella de "Saudade". Depois vocês ainda se queixam do Operador.

WALTES (S. Paulo) — Sebastian, Cortez, Ramon e Vilma, M. G. M., Culver City, California. Clara Bow, Paramount Studio, Marathon Street, Hollywood, California.

A. WEYLL (Ilhéos) — Sim, aos cuidados desta redacção, "Symphonia" não sei por onde anda. Ainda não sei tambem o distribuidor de "Escrava Isaura" para o norte.

MANOEL RODRIGUEZ (?) — Não recebi as photos.

tirado os dois aristocratas militares e se haver dispersado o bando garrulo dos garotos animados com a victoria do seu "chefe", Slag chegou-se a Tad e, depois de havel-o acalmado a respeito das suas intenções, perguntou-lhe porque havia poupado tanto e deixado fugir seu rico adversario. — Porque era mais fraco do que eu, responde o pequeno, sem hesitar. Começam os dois a conversar e, em

Slag	*Louis Wolhein*
Tad	*Junior Coghlan*
Eddie	*Philippe De Lacy*
Mary Jane	*Anita Louise*
Cartwright	*Montague Shaw*
Hook	*Johnny Morris*
O Delicado Don	*Kewpie Morgan*
O Commandante	*Clarence Geldert*

FILM DA P. D. C.

Hombros de Heroes

(SQUARE SHOULDE)

Daquella trinca amedrontadora de ladrões, Slag, embora fosse o mais feio, era o melhor. Talvez por isso mesmo... O facto é que aquelles habitos grosseiros de homem sem educação, aquelle nariz achatado, aquella fealdade exaggerada e aquelle habito de roubar para viver não impediam que se escondesse no seu peito um coração de ouro, prompto a se revelar em qualquer occasião. Elle mesmo havia combatido brilhantemente na Grande Guerra e seus superiores sempre o haviam considerado como um optimo soldado. Agora, sem ter o que fazer, vagabundava elle com os seus dois companheiros pelas ruas da cidade. Em certa occasião, tem elle a surpreza de encontrar, na rua, Cartwright, capitão do exercito, sob cujas ordens elle havia combatido, durante a guerra. Cartwright ia de vento em pôpa, na vida. Os negocios corriam-lhe ás mil maravilhas e, todo orgulhoso, elle mostrava ao antigo tenente, seu filhinho Eddie, lindo garoto de seus 12 ou 13 annos que envergava com particular distincção a linda farda da Escola Militar Americana. Emquanto os dois homens conversavam, embora sem grande cordialidade, o pequenino Eddie, que se divertia em ver; a certa distancia, alguns garotos a brincar de soldados, resolveu-se a lhes ir dar "umas lições de militarismo". A chegada daquelle pequeno elegante e franzino ao grupo bohemio dos pequenos vendedores de jornaes causou verdadeira sensação. Como era de esperar, em breve uma briga se armou entre o "director" do grupo, o valente Tad, e o recem-chegado. Tad era um pequeno energico e decidido, que em dois tempos poz o adversario *knock-out*. Depois de se haverem retira-

breve, Slag tem a mais viva das surprezas. O grande sonho de Tad era entrar para a Escola Militar, ser um bom soldado como fôra seu pae. Sua mãe sempre lh'o recommendára, antes de morrer. Seu pae chamára-se John Collins e morrera como um heróe na Grande Guerra; delle apenas lhe havia chegado ás mãos aquella condecoração que guardava com especial carinho sob a golla suja do palletó ordinario, com aquella inscripção gloriosa e eloquente: "For Valor". O coração aos saltos, Slag reconhece naquella creança seu filho, mas, por uma delicadeza de alma, tão em desaccordo com a grosseiria do seu physico surprehendente, não se lhe dá a conhecer, para que a creança continue a viver com aquella

(Termina no fim do numero).

O Carnaval Vem ahi . . .

RUTH CHATTERTON E MAX LEE

MODELOS DE FANTASIAS

SALLY STARR

NO PROXIMO NUMERO "TEM" MAIS...

BILLIE DOVE

COLLEEN MOORE

Uma artista do palco, pequena bailarina, lê um annuncio pedindo artistas para uma revista theatral, e preparando a sua maleta de viagem, abala para o logar indicado. Chega, e por infelicidade, a companhia, já em aperturas de finanças, está de partida para outro logar. Bonny, que assim se chama a rapariga, dansa para o director, porém este, preoccupado com os seus affazeres, não lhe dá attenção, e assim não consegue ella o emprego. Um comico da companhia, que da mesma se desliga, vae momentos depois encontrar Bonny na estação da via-ferrea, á espera de um trem de volta. Emquanto palestram, lê 'Skid" uma revista que lhe empresta a pequena, e ahi descobre um annuncio pedindo artistas para um espectaculo de variedade. Combinam em mandar um telegramma offerecendo-se os dois para um numero de dansas, e acceita a proposta, dias depois, estão "Skid" e Bonny dansando e cantando no palco, numa cidadezinha do interior.

* * *

A' sombra dos bastidores não se formam

No Lodopio

("*The Danse of Life*")

"Skid" Johnson . . . . *Hal Skelly*
Bonny King . . . . *Nancy Carroll*
Sylvia Marco . . . . *Dorothy Revier*
Harvey Howell . . . . . . *Ralph Theadore*
Lefty . . . . *Charles Brown*
"Bozo" . . . . *Al St. John*
Gussie . . . . *May Boley*
Jerry . . . . *Oscar Levant*

somente os truques da representação theatral — urdem-se, tambem, as mais complicadas intrigas. Bonny, muito bonitinha, desperta logo arraigada sympathia em "Skid", e Sylvia Marco, uma corista do grupo, tenta mais de uma vez arrebatal-o á outra. Mas a despeito das intrigas, realiza-se certa tarde, depois da *matinee*, o casamento de "Skid" e Bonny. Sylvia, porém, não deixa por isso de desejar a seára alheia, facto que de alguma fórma transtorna a felicidade da recem-casada. Por outro lado, "Skid", victima da embriaguez costumaz, traz a pobre menina em constantes difficuldades. Não ha dinheiro que chegue ao homem porque, em suas esbornias nocturnas, gasta tudo quanto ganha. Porém a boa esposa não se enfada com isso: o seu "Skid" é a sua vida, e sempre esperançosa, aguarda o dia em que possam com menor esforço levar uma vida mais agradavel.

* * *

A companhia ambulante está dando espectaculos em certa localidade. Um agente da grande revista musical "Ziegfeld", de Nova York, assiste ao acto burlesco de "Skid", e telegrapha ao patrão aconselhando que o

contrate para o seu theatro. E, com effeito, no dia seguinte, recebe "Skid", com grande surpresa, um telegramma do famoso empresario que lhe offerece o logar e quinhentos dollares por semana de salario. O joven artista fica a pular de contente, porém logo lhe apparece Bonny, e ao ver o telegramma, fica triste, pois não o poderá acompanhar nessa viagem de conquista de um nome, pois a mulherzinha de "Skid" sabe que, uma vez em Nova York, a elle não lhe faltarão fama e fortuna. — Mas não terá Sylvia alguma cousa que ver

da VIDA

com este contracto? inquere assustada a pequena Bonny. O marido, porém, a dissuade desse pensamento. — E' certo que Sylvia está em Nova York, mas não creio que haja influenciado para que me mandassem chamar, retruca "Skid" vendo alguma razão de ser nas suspeitas da esposa.

* * *

E' a noite da estreia. A Broadway, faiscante de luz, regorgita de gente no enorme quarteirão theatral que vae da Praça do *Times* á esquina da rua 57. Sobre a fachada do "Ziegfeld", um grande annuncio luminoso mantem em pisca-luz a figurinha zombeteira do palhaço "Skid" Johnson, o artista obscuro que, por um derroche de boa sorte, vae fazer o seu *debut* no mais famoso palco do mundo! "Skid" vem á scena, de casaca negra, pernas abertas em X. E' a comicidade em pessoa. Cáe o panno, terminado o primeiro acto, e estronda a casa aos applausos da grande multidão. Está consagrado o desconhecido! Novas ovações. Novas piruetas do palhaço. Nova carga de palmas! Ao retirar-se do palco, acabado o espectaculo, já tem Sylvia Marco — porque fôra ella que mais pesara, digamos de passagem, para attrahir a Nova York o marido de sua rival—uma grande baderna de amigos e amigas com os quaes se vão banquetear "Skid" e ella num dos melhores cabarets da grande cidade...

* * *

Bonny, na cidadesinha do interior, continua a apparecer, sózinha, no acto de dansa que costumava fazer com o marido. Das cartas promettidas, nem uma sequer! Chegara-lhe, sim, um telegramma de "Skid" dando-lhe a noticia do seu grande triumpho. Mas depois disso, nem signal de noticia! Um dia bate-lhe o coração em nova suspeita. Lembra-se de Sylvia. E' ella, sim, que lhe está prendendo o marido em Nova York, e Bonny assenta alli mesmo de ir ver o fim que teve o seu esposo. Na grande cidade, toca a actriz para o theatro onde trabalha o marido e dalli, não lá estando o homem, dirigem-na para um cabaret onde, por fim, ao entrar, se lhe depara "Skid" nos braços de Sylvia! O seu choque é atordoador, e tão indignada fica, que dalli mesmo volta sem lhe dizer palavra. Mas no dia seguinte recebe "Skid" uma carta em que Bonny lhe diz ir para Chicago afim de requerer divorcio e tão prompto o consiga, consorciar-se-á com Hatvey Howell, antigo cortejador da artista que "Skid" bem conhece. O pa-

(*Termina no fim do numero*)

Não e' Solteira,

Ha tempo que não estou casada. Ou, melhor, ainda não estou solteira. Emfim: nem casada, nem solteira, nem viuva...

Não é charada. E' verdade, Escutem e prestem attenção.

No Estado da California costuma-se, durante um anno após a realização do divorcio, dar este intervallo aos casaes que estão aguardando a definitiva separação.

Já divorciados, á espera da solução, não estão casados. Mas absolutamente não têm a menor liberdade. Por um capricho da lei, aliás explicavel, não estão e estão casados, ao mesmo tempo...

Particularmente, nada encontro para poder me queixar da lei. Dizem-me, os que sabem, que é a lei uma cousa admiravel. O fim da lei, afinal, em primeiro lugar, é evitar resoluções precipitadas por causa de pequeninas desintelligencias domesticas ou atritos destituidos de importancia, entre os conjuges e, assim, se, por acaso, durante aquelle espaço de tempo, o casal, num descuido, beija-se... Ai delle! o divorcio é incontinenti cancelado. E, em segundo, evita que os recem-divorciados casem-se com outras pessoas, assim rapidamente, e, assim, se os amantes ardorosos e apaixonados não puderem esperar pelo fim do tempo estabelecido pela lei, trahem-se e são considerados infractores das leis que regem a bigamia...

Valentino e Natacha Rambova foram um casal colhido nas tramas desse intrincado labyrintho. O mesmo succedeu á John Gilbert e Leatrice Joy e, creio, á Jacqueline Logan e seu esposo. Mas eu, diga-se, nem cogito no meu ex-marido e, tampouco, num provavel ou futuro casamento. E o meu mal estar, assim, provem de um simples facto: não saber, afinal, se sou peixe ou caça... E, afinal, não é mesmo engraçado? Estar-se casada. Mas divorciada, ao mesmo tempo... E, isto, após tres annos de vida conjugal...

Senti, como primeira reacção do meu divorcio, uma sensação de ruina, de desmoronamento, de desgraça. Acho que o mesmo sentimento deve assoberbar todos aquelles que estiveram no mesmo caso. Não foi uma disputa brutal ou uma discussão séria que me separaram do Henry. Absolutamente. Concordámos, muito simplesmente, que, afinal, de nada nos valiam os laços matrimoniaes e que, sem elles, seriamos infinitamente superiores.

Separamo-nos, assim, na maior bôa camaradagem possivel. E, juntos ainda, combinamos que o divorcio não deveria ser escandaloso, absolutamente e nem barulhento. E, arrumados os nossos negocios, apertamo-nos as mãos fortemente após o acto legalizado. Assim, conhecendo estes detalhes á respeito da bôa camaradagem que nos ligava, será facil concluir sobre o estado em que me senti. E, quando, nos jornaes, lia que me comparavam á uma "girl" vulgar, crivada de sentimentos tacanhos, ambiciosa e desejosa de se desembaraçar de seu marido, confesso que me senti vencida. Isso não éra verdade. Não importa nada a profissão do Henry e nem os meus sentimentos. Nós, de facto, não podiamos mais viver juntos. Essa é que era a verdade.

Procurei uma amiguinha. Passei a residir com ella á espera do desenvolvimento da acção judicial. Assim, lembrando-me dos meus annos passados feliz, afinal, ao lado do Henry, sentia-me, por força, infeliz e sem calma. Nada me importavam, na verdade, o que de mim diziam as linguas costumasmente faladoras. O divorcio, na verdade, é um passo difficil na vida de uma mulher. Mesmo para as mulheres que vivem, como eu, sob a capa da supposta leviandade das actrizes. Havia momentos em que, invadida por um "splen" rarissimo, reflectia nas bôas e más consequencias do meu passo. E, á mim mesma, perguntava se havia feito bom ou máo negocio. Além disso, separadas, sentimos mais do que nunca o encanto por assim dizer paradoxal do nosso ex-esposo... E', sem duvida, um absurdo de psychologia. Mas, após cortar-se o nó gordio conjugal, ahi é que se sente o agigantado da nossa admiração pelo homem que nos pa-

recia vulgar... E, num instante, descobrimos-lhe mil virtudes que até então haviam permanecido incognitas... E, em segundos, pela mente atormentada, começam a passar os momentos felizes, só os momentos radiosos illuminados pelo sol brilhante da ternura e, pela pallida lua da felicidade morta... Relembranmos o summo doce do passado. E não encontramos,

Tentei. Mas houve difficuldade. Com quem eu sentiria especial prazer de passear? E' uma inverdade o que dizem, por ahi, de que as "pequenas" de Hollywood encontram, quando querem, uma duzia de esplendidos rapazes, apaixonados, a convidarem-nas para passeios á locaes agradaveis. Quando cheguei, casada, ainda, as minhas amisades masculinas limitavam-

nem Casada, nem Viuva

sorvendo-o, nada de amargo ou contristador... Sobre o que foi máo, desagradavel, o nosso pensamento põe uma pedra...

Assim, entre films e studios, estive, durante semanas, sentindo essa impressão de vasio e de desorientação. A existencia se me afigurava um fardo pesadissimo. E eu mais parecia um automato destituido de vontade do que outra cousa qualquer.

Julgou, a minha amiguinha, que éram passeios que me faziam falta.

— Jeanette, você precisa passear! Você não se lembra que está livre, de novo?

se á individuos dos studios. Assim amigos de trabalho.

— Vá passear com aquelle! Dizia-me a minha amiga. E citava-me um homem que havia tido negocios commigo. — Vá, porque é delicioso poder-se passear com um homem á quem sabemos não amar e o qual sabemos muito provavelmente enamorado da gente... Philosophia da minha bôa amiguinha...

Recebi a telephonada e acceitei o convite. Emquanto me vestia, sentia-me desconcertada. Passear com outro Homem?... Era interessante, não havia duvida.

E, assim, quando, á tarde, chegaram as flôres que elle me mandou para preparar terreno ou outra cousa qualquer... Sentia um não sei que de inexplicavel e difficil...

Passamos a frequentar 'dancing halls" e theatros. E, afinal, contemplando-nos no mesmo sorriso de amisade, tornamo-nos bons camaradas. Ha homens que, ao cabo de algum tempo, passam a exercer, sobre a mulher, uma ascendencia moral. Esse foi um delles.

Uma noite, regressando da dansa, recebi uma telephonema.

Era o Henry. — Hallô? Ah, sim! Vi-te dansando no "Blossom Room" hoje á noite. E riu-se... Elle e uma joven que o acompanhava haviam-me visto no "hall". — Resolvi não entrar. Como seu "ex" talvez te importunasse...

Que cousa engraçada! Que sensação exquisita! Para o homem ou para a mulher. Comprehendia perfeitamente o escrupulo do Henry. Porque, afinal, se fosse eu a primeira a vel-o com outra mulher, naturalmente me sentiria transtornada...

Começei a ter novas amisades. Differentes homens que se

(Termina no fim do numero)

(Her Private Life)

"Film" da *FIRST NATIONAL*

Lady Helena Haden	*Billie Dove*
Nelson Thayer	*Walter Pidgeon*
Eduardo Jackson	*Holmes Herber*
Sir Bruce Haden	*Montagu Love*
Harry Charteris	*Roland Young*
Senhora Leslie	*Thelma Tood*
A creada de Lady Helena	*Zazu Pitts*

Honra

Se bem que vivesse mergulhada no fausto e na grandeza maiores, alvo das homenagens e honrarias a que fazia jús pela sua belleza e pela sua alta estirpe, *Lady Helena Haden* não era uma creatura feliz. E não era feliz porque o marido, *Sir Bruce Haden,* nos desvarios dos seus ciumes brutaes humilhava-a, sempre e sempre, aos maiores vexames. Neste verão em que a vamos surprehender no seu castello dos arredores de Londres cheio de convidados, não poucos transes amargos ella havia atravessado, tão somente pelas ciumadas de *Sir Haden* pela maneira differente como a esposa tratava o joven *Nelson Thayer,* seu hospede. De facto, *Sir Bruce* não deixava de ter a sua parcella de razão porque *Lady Helena* desde que vira o joven *Nelson,* por elle sentia estranha e irresistivel seducção. O coração vazio e a alma sedenta de ternuras, *Helena* comprehendeu que a felicidade lhe sorria naquelle homem que o Destino lhe puzera em meio ao caminho da vida. Mas mulher de honra, com ideias muito rigorosas e definidas sobre questões de dignidade, *Helena* nem de leve admittia a possibilidade de trahir o esposo, nem que isso lhe custasse, como custava, o mais duro e mais atróz dos sacrificios.

Nelson não achava para o caso uma explicação clara, porque se, de um lado, sentia que *Helena* se inclinava para elle, de outro, sentia que ella o evitava, numa situação incomprehensivel por paradoxal. Tudo isso *Sir Bruce* acompanhava e tudo isso o enraivecia, fazendo-o exultar de odio na brutalidade do seu temperamento. E essa situação penosa para *Lady Helena* culminou com o escandalo que *Sir Bruce* fez naquella noite, erguendo-se da mesa em que jogava com *Nelson* e a irmã deste, senhora *Leslie,* declarando-o mau parceiro e ladrão. *Helena* protestou, cheia de revolta, obrigando o marido a penitenciar-se da sua grosseria, para desafogar o homem dos seus sonhos de tão delicada situação. Mas, em pouco, *Helena* via com

os seus proprios olhos, entre desesperada e surpresa, a senhora *Leslie* furtar no jogo, com a cumplicidade de Nelson... Numa onda de indignação ella propria provocou outro escandalo, declarando, a voz alta, em meio ao salão que de facto *Nelson* e a irmã não passavam de uns ladrões vulgares... Mas a senhora *Leslie*, que tinha em seu poder uma carta que *Lady Helena* escrevera a *Nelson*, pedin-

Mulher

do-lhe para afastar-se dalli quanto antes, alli mesmo procurou vingar-se... E já extendia a carta a *Sir Bruce*, quando *Lady Helena*, avançando, arrebatou-lh'a das mãos entregando-a, ella mesma, ao marido e dizendo-lhe que naquelle mesmo instante deixaxaria o castello prompta para separar-se delle pelas leis do divorcio...

* * *

Deixando Londres com a sua creada, companheira de sempre, *Lady Helena* partiu para Nova York, na ansia viver vida nova e de esquecer aquelles dissabores que tanto lhe tinham povoado a mocidade. Inteiramente desconhecida na grande capital dos arranhacéos, *Lady Helena* contava apenas com o seu collar de perolas, para viver, pois o marido lhe cortara, á separação, todos os recursos... Installada num confortavel appartamento de um hotel de luxo, ella vivia na mesma pompa de sempre, sacrificando, nas casas de penhor, a uma a uma, as perolas que iam despovoando seu lindo collar... Nessa emergencia, mas sem dar mostras da ruina que se lhe avizinhava aos passos, *Lady Helena* recebeu a visita do millionario *Eduardo Jackson*, que fôra seu hospede em Londres, que sempre a cortejara e que adquirira do seu marido um precioso quadro historico de familia com a imagem da sua bisavó, pintado pelo mais famoso dos mestres do seculo. Cortejando-a e tudo fazendo para conquistar-lhe o coração, *Jackson*, sem que ella o soubesse, não lhe perdera os movimentos desde a sua chegada a Nova York, sabendo, por isso, que ella buscava recursos para viver nas perolas que vendia. Uma tarde *Jackson* convidou-a a visital-o, sob promes-

(Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

Para o director: — Para se obter a scena numero 2, são precisos um gato e um pedaço de peixe. Colloque-se o peixe fóra do angulo de camara, e deixe-se que o gato o cheire. Depois carregue-se o gato, ainda fóra do angulo de camara, para o outro lado. Tudo prompto para a filmagem, largue-se o gato. Não é preciso nenhum megaphone. Basta que o gato esteja com fome. Para isso, deixe-se o gato sem comer durante varias horas, antes de entrar em scena.

Este scenario curto tem a vantagem de não incluir um unico interior. Além disso póde ser adaptado a toda e qualquer locação, e a todo e qualquer paiz, podendo ser filmado com o minimo possivel de "props" e accessorios.

Ao filmar esta historia, siga o "script" ao pé da letra, palavra por palavra. Colloque a camara tão perto dos interpretes quanto possivel, sem no entanto excluir nenhum delles da acção geral. Diga aos seus amigos, aos que tomarem parte na interpretação, que não representem propriamente, mas que se imaginem elles proprios dentro da situação delineada, de modo a agirem tal como fariam na vida real.

Qualquer amador poderá facilmente escrever outros scenarios curtos do mesmo typo que este. Convém construil-os sobre qualquer locação ou accessorio que se deseje gravar na téla. E' preciso fazer os "plots", isto é, o enredo, o mais simples possivel,, e baseal-os sobre acontecimentos ou factos da vida ordinaria.

Si se deseja que os nossos amigos representem naturalmente e com convicção, é preciso que evitemos o bizarro e o fóra do commum. Usar apenas os incidentes que possam acontecer na vida ordinaria e então dizermos aos nossos artistas para que sejam "elles mesmos".

Quando fizer o seu scenario, esteja certo de que o "plot" tem um motivo. Note que no scenario abaixo, todas as acções e todos os caracteres têm um motivo normal.

Bobby, por exemplo, joga a pedra porque vê um gato. A pedra bate no chapéo de Jim porque o alvo visado não foi attingido, o que é muito natural. Bobby fica desconfiado, como todo garoto fica, mas Jim zanga-se com elle, devido a uma irritação justificavel. Na scena do casamento, Jim é mostrado pouco á vontade, e dahi não notar a quéda do annel junto com o lenço.

A expressão de Bobby, a alliança desapparecida, o acto de Bobby, escondendo a alliança, tudo concorre para o mesmo fim, é completar a situação de angustia e augustia e embaraço.

Titulo. — Uma Rusga e uma alliança.

Scena 1. — Um portico ou uma pergola de uma residencia confortavel. Jim abraça Mabel ternamente, despedindo-se della.

Evidentemente são noivos. Elle beija-a. Ella entra em casa. Elle desce os degraus e depois toma a alameda, afastando-se.

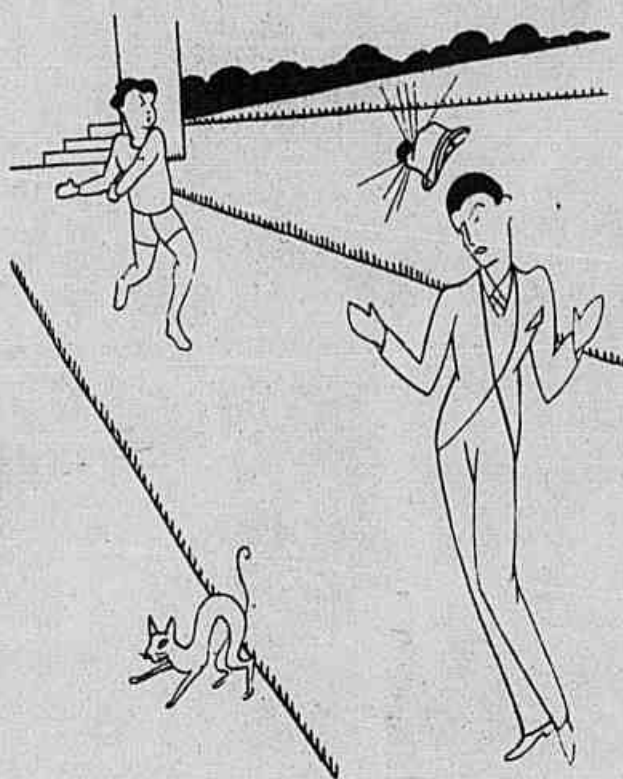
Scena 2. — Um paredão. Meio-plano de um gato andando ao longo do paredão.

Scena 3. — O jardim da mesma residencia confortavel. Bobby vê o gato. Apanha uma pedra. Atira-a.

Scena 4. — O jardim. Jim vem caminhando ao longo da alameda. A pedra bate no chapéo de Jim, jogando o mesmo chapéo ao chão. Jim volta-se zangado. Nota Bobby. Corre para fóra de scena.

Scena 5. — Outro trecho do jardim. Jim apanha Bobby e tral-o para dentro da scena. Segura-o pelo pescoço. Bobby está desconfiado. Diz:

Titulo Falado. — "Você não póde fazer isso commigo, porque eu vou ser seu cunhado".

Volte á Scena 5. — Jim acha que póde puxar-lhe as orelhas. E fal-o. (Aqui convém que haja um banco ou qualquer coisa para Bobby cahir sentado). Jim

Uma Rusga e Uma Alliança

(Original de Epes Sargent, adaptado para os amadores brasileiros por Sergio Barretto Filho)

40 mts. em film de 9 mm.
60 mts. em film de 16 mm.

larga Bobby. Sáe de scena. Bobby olha para elle, com uma expressão de raiva infantil.

Titulo Falado. — "Cannibal! Você me ha de pagar..."

Scena 6. — Detalhe dos punhos de Bobby fechados, demonstrando raiva, mas sem se moverem na direcção tomada por Jim.

Titulo. — O dia fatal.

Scena 7. — O jardim. (Procure-se um angulo romantico, proprio á realização de um casamento). Jim e Mabel deante de um pastor protestante. Bobby, ao lado, não se sente á vontade. Convidados, sorridentes, enchem o jardim. Bobby ainda com expressões de raiva infantil. Lança olhares terriveis sobre Jim, que tambem não se acha á vontade. Jim toma o lenço do bolso. Bobby olha para o chão.

Scena 8. — Detalhe de uma alliança na grama do jardim. O pé de Bobby, devagarinho, cobre o annel, escondendo-o

Scena 9. — Como na scena setima. O pastor pede a alliança. Jim procura nos bolsos. Consternação. Jim procura nos outros bolsos, perdendo aos poucos a calma.

Scena 10. — Primeiro-plano de Bobby, o typo da innocencia.

Scena 11. — Primeiro-plano de Mabel, mostrando-se muito afflicta.

Scena 12. — Primeiro plano de Jim. Gottas de suór. (Para esse effeito, use-se um pulverizador e agua pura).

Scena 13. — Meio-plano dos convidados, cochichando e commentando o acontecimento.

Scena 14. — Primeiro-plano de Mabel, chorando.

Scena 15. — Meio-plano. Bobby olha para Jim e depois para Mabel. Nota-se o combate entre a sua raiva e uma natureza melhor. Fic. indeciso por um momento.

Scena 16. — Detalhe dos pés de Bobby, empurrando a alliança para perto de Jim.

Scena 17. — Meio-plano. Bobby "descobre" o annel. Apanha-o. Entrega-o a Jim. Jim toma o annel, Bate nos hombros de Bobby. A ceremonia, interrompida por um momento, continúa. Iris.

Scena 18. — Um portão. Um auto com o chauffeur. Os convidados sáhem para a calçada, abrindo o portão. Mabel e Jim, trajes de viagem, sáhem pelo portão, dirigindo-se para o automovel. Mabel atira o bouquet para os convidados. Atravessam todos a calçada.

Scena 19. — Como na scena decima oitava. Mude-se o angulo de camara, focalizando o automovel. Aa lado da portinhola, está Bobby. Jim e Mabel entram em scena, vindo da scena precedente. Mabel beija Bobby e entra no carro. Jim mette-lhe uma nota entre as mãos. Diz:

Titulo Falado. — "Salvaste-me de uma bôa entaladéla, amigo velho".

Volte á Scena 19. — Jim entra no carro. Bobby olha para a nota. Iris.

Scena 20. — Primeiro-plano de Jim e Mabel, ou no auto, ou em um navio, ou numa estação ferroviaria, onde quer que se possa arranjar um bom "shot". Abraçam-se apaixonadamente.

Scena 21. — Primeiro-plano de Bobby e sua amiguinha. Cada um tem um braço ao redor do pescoço do outro, segurando com a mão livre um dôce qualquer, que póde ser um ice-cream, um sorvete em fôrma ou um pirolito, conforme as locações e o paiz onde o film fôr feito. Bobby pisca os olhos para ella. Ella pisca os olhos para elle. Termine-se a scena com Escurecimento ou Iris, á escolha.

Titulo. — Fim.

CORRESPONDENCIA

Kodak Brasileira Ltd. — Agradecido pelo interesse demonstrado pela nossa secção.

Jorge Julien (Catanduva) — O tempo aqui tambem tem andado terrivel. Gostou do Kodacolor? Mas já viu algum trecho filmado por esse processo? O apparelho é caro, mas em troca, é bom. O seu artigo será aproveitado, logo que chegue. Tambem quero saber as suas opiniões pessoaes.

Cinemano (São Paulo) — Vou dar publicidade ao seu convite.

xxxxxxxxxx

Prosegue a questão da General Talking Pictures (De Forest Phono Film) contra Fox Case Corp. Tanta fala, tanta discussão, trouxe este Cinema falado.

Jesse L. Lasky partiu para o Mexico afim de estudar os problemas do film falado para os paizes latino-americanos. Já se vê...

Colleen Moore e seu marido John Mc Cormick provavelmente passarão para a Paramount. Os films de Clara Bow tambem terão a supervisão de John.

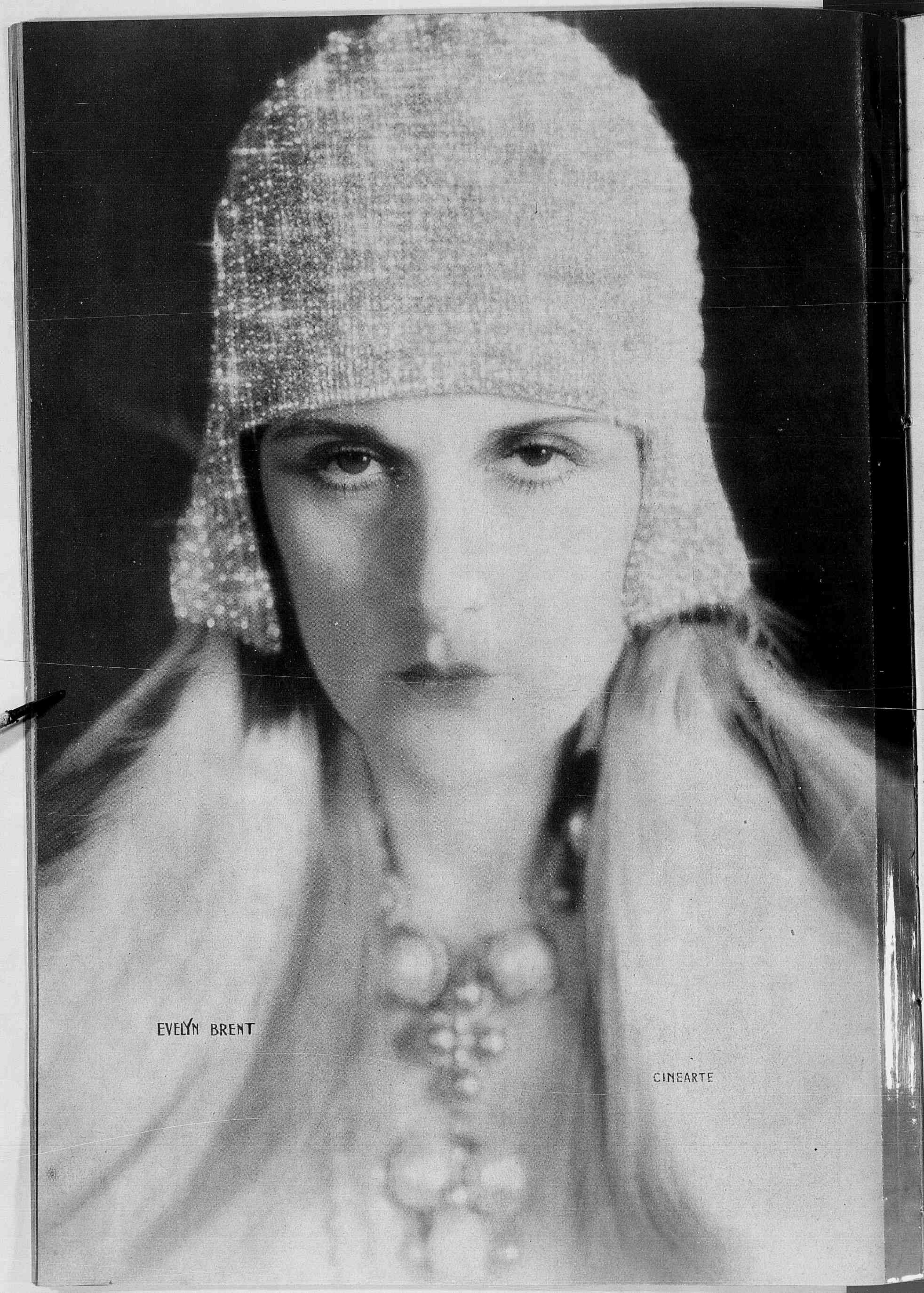
Frank Capra, director da Columbia, acha que os verdadeiros films falados ainda estão por se fazer.

E que só crerá no Cinema falado depois de assistir á um "Setimo Céo" falado...

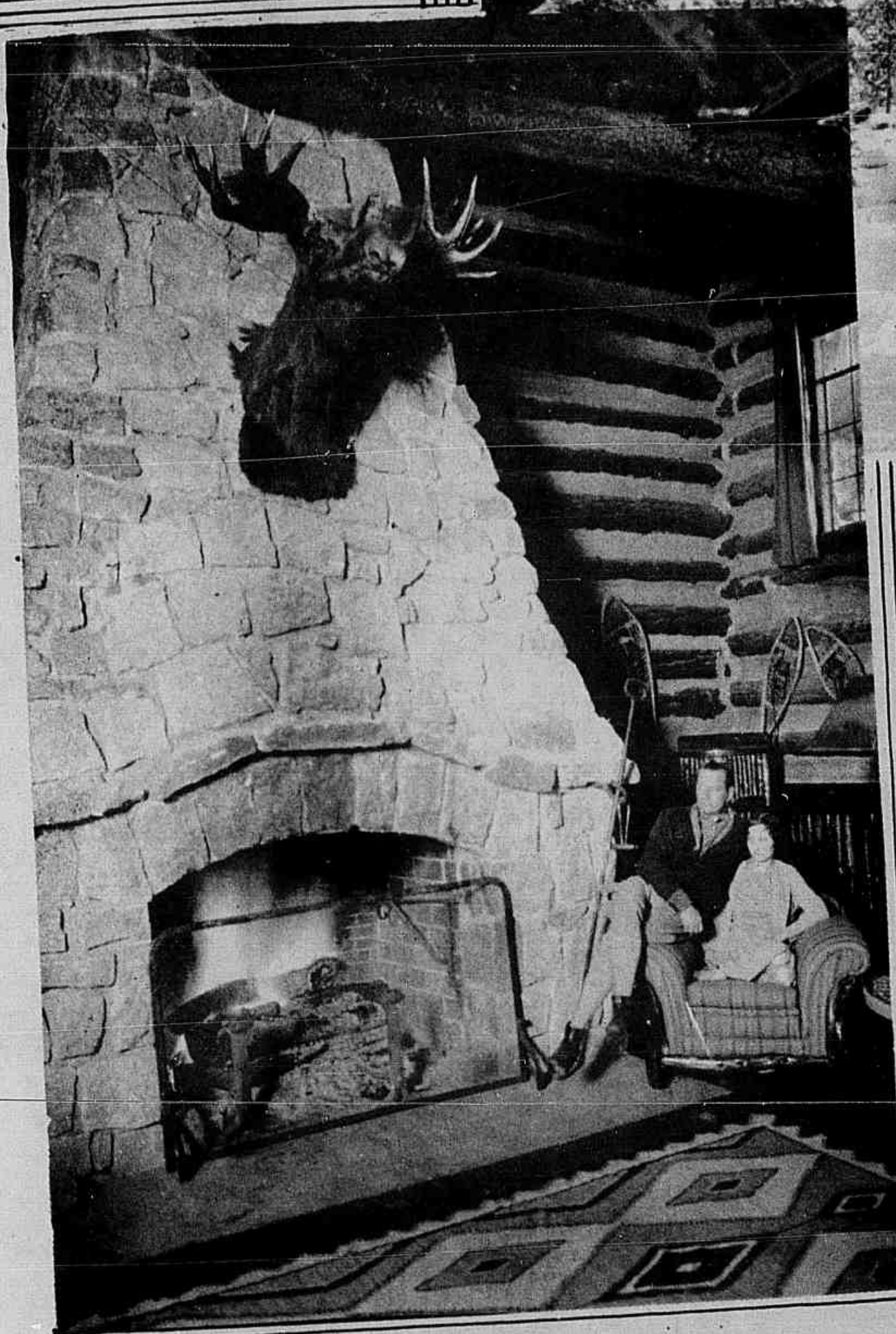
CORINNE GRIFFITH

Cinearte

JOAN
CRAWFORD
CINEARTE

MYRNA LOY

EVELYN BRENT

CINEARTE

Como vive Reginald Denny ...

A SUA NOVA ESPOSA E A SUA NOVA CASA NAS MONTANHAS...

O esbelto tenente de hussards Toni Gyurkovics tem uma tia com sete primas que residem na Hungria. Uma destas pequenas é mais bella do que as outras e tambem se diz que Katy, a mais velha, fôra escolhida para esposa de Toni. Este, porém, já se casára com uma moça, sem nada communicar á familia. Certo dia, Toni recebe um convite de sua tia para visital-a e pede o auxilio de seu amigo e companheiro de mas, conde Francisco Horkay para em seu logar, apresentar-se em casa de suas sete lindas primas.

Embora receiando um provavel escandalo, pelo facto de já ser esposo, Toni confia, intimamente, que o seu elegante companheiro conquiste Katy. Prazenteiramente, Horkay attende ao pedido do amigo e parte para a Hungria.

Entrementes, Mizzi, a terceira prima de Toni, havia sido expulsa do collegio e mandada para casa por causa de uma de suas celebres traquinices. Naturalmente fica satisfeita e goza as horas de liberdade até á sahida do trem. Nas vitrinas de um atelier de modas, Mizzi observa trajes elegantes e, resolvida, como sempre, entra e, pouco depois, sahe vestida com uma elegante toilette.

Por causa dessa compra, porém, fica sem dinheiro para a passagem. O pouco que lhe resta, dá somente para um bilhete de gare. Horkay, comtudo, percebe à situação difficil da linda passageira e, prevendo uma agradavel aventura, compra dois bilhetes.

Depois, segue Mizzi até um compartimento que parece já estar occuppado por uma senhora. Mas o trem parte e esta não apparece.

A condessa Hohenstein, contra a vontade de sua nobre familia, tencionava casar-se com um tenor. Forçado a ir residir em casa de duas velhas tias para esquecer-se dessa tolice, resolve fugir no momento do trem partir. Quando o conductor apparece, o tenente apresenta duas passagens, dando a entender que viaja em companhia de sua esposa.

Mizzi, primeiro furiosa, acalma-se logo e, por brincadeira, dá-se a conhecer como a condessa Hohenstein, cujo nome havia lido nas bagagens.

Na estação alguns creados robustos esperam a titular que, por desejar casar-se com um burguez, deve, forçosamente, estar louca.

Mizzi, para evitar complicações, segue-os de bôa vontade.

Sómente no castello, protesta contra a troca de pessoas, mas este facto fortalece a opinião das duas velhas de que, realmente, a pequena está louca e, por isso, Mizzi é recolhida a uma cella.

Entretanto, Horkay chega á casa da tia Gyurkovics como sendo o primo Toni. Felizmente escapa ao plano de noivado porque Katy já déra seu coração ao coronel Radvanyi. Mizzi, tenta fugir, ajudada por um creado, mas seu plano fracassa.

Desconfiadas, suas tias despedem todos os creados e os substituem por creadas resolutas.

Sabendo disso, Horkay toma uma resolução audaciosa. Vestido de creado, entra ás escondidas no castello e consegue, felizmente, libertar a pobre moça. O par chega á residencia da senhora Gyurkovics justamente á hora do noivado de Katy que, já estando noiva, facilitava á sua segunda irmã arranjar marido e, assim, Mizzi, a terceira, tambem torna-se uma pequena casadoira. Quasi no momento deste terceiro compromisso e quando Horkay já tinha o sim nos labios, annunciam a chegada de uma senhora que deseja falar urgentemente com o tenente Toni.

Receiando a descoberta da verdade, o conde retira-se ás carreiras.

A desconhecida, então, conta á Mizzi como o infiel Toni a abandonara e mostra a creança que a segue como sua filha. Mizzi fica horrorizada, mas, resoluta, promette ajudar aquella pobre mãe e telephona para a residencia de Toni.

Quem attende ao apparelho é a esposa desse official.

Por este tempo, transferido para o regimento do coronel Radvanyi, Harkay apparece bem deprimido deante de seu superior e confessa todo o embuste. Estranhamente calmo, este responde: "Já que se fez passar como meu parente, trate ao menos de sel-o de verdade".

Ahi o conde comprehende que, casando-se com Mizzi, póde tornar-se cunhado do seu commandante.

(DIE SIEBEN TOECHTER DER FRAU GYURKOVICS)

Direcção de Ragnar Hylten — Cawallius

Mizzi	*Betty Balfour*
Conde Horkay	*Willy Fritsch*
Katy	*Anna Lisa Ryding*
Toni Gyurkovics	*Harry Halm*
Senhora Gyurkovics	*Lydia Potechina*
Lily	*Truus van Alten*
Geza	*Werner Fuetterer*
Margit	*Iwa Wanja*
Coronel de Radvanyi	*Iwan Hedquist*
Odette	*Camilla von Hollay*
Uma professora	*Sofie Paggy*

Frank Lehar, o autor de "Viuva Alegre" e demais operetas, acaba de escrever mais uma: "Land of Langhter". Mas, desta feita, trata-se apenas do assumpto e da musica para o proximo film de Gloria Swanson...

A Pacent installou, em menos de 10 mezes, 1.000 apparelhos para films falados no mundo.

EU, ELLA, O VIOLINO E O CACHORRO...

NO ASSUCARADO
LAR DE
JOSEPH SHILDKRAUT

LA'
LONGE
DO
MICRO-
PHONE
DA
VIDA.

VOCÊ E UMA CASINHA... ..

CULPA

(SKIN DEEP)

"FILM" DA WARNER BROS

JACK DALEY . . . . MONTE BLUE
LUCIA ROGERS . . . . BETTY COMPSOM
ELZA LANGDON . . . . ALICE DAY
FRANK CULVER . . . . JOHN DAVIDSON
O promotor CARLSON . . . . . JOHN BOWERS
O filhinho deste . . . . DAVEY LEE
Dr. BRUCE LANGDON . . TULLY MARSHALL

JACK DALEY era uma figura que inspirava horror. E inspirava horror e repugnancia porque a Natureza o castigara, dando-lhe uma mascara medonha, na qual todos liam as maiores maldades. Cheia de cicatrizes, o nariz adunco e torto desde a raiz, a cara delle, illuminada ainda pelo olhar frio e penetrante, apavorava. E, naquelles meios corruptos em que vivia, JACK era bem a sombra do mal... Chefiando uma quadrilha de ladrões, que o respeitavam e temiam, elle levava a effeito as aventuras mais audaciosas, sempre com exito, adquirindo, assim, as grossas sommas que gastava nababescamente nos "cabarets". E, indifferente as consequencias que a sua vida irregular lhe podiam trazer, DALEY foi vivendo até que, certa noite, conheceu LUCIA ROGERS, a seducção irresistivel de um daquelles 'cabarets". Dansando e cantando, a maravilhosa mulher fazia de cada um daquelles homens um admirador e lhes accendia, em cada peito, um desejo. E esse desejo mesmo ella fez nascer, simultaneamente, na alma de DALEY e de FRANK CULVER, outro criminoso que como aquelle vivia vida facil... A LUCIA não foi difficil comprehender que seus encantos haviam escravizado dois homens que, na vertigem da paixão mais louca, se dispunham a dar-lhe o nome ante as leis de Deus e da sociedade, das quaes viviam tão afastados... Mulher experiente e pratica, para quem a vida era um negocio como outro qualquer, LUCIA não consultou o coração para decidir-se... E como soube que DALEY dispunha de mais recursos que FRANK, casou-se com aquelle, sonhando a felicidade que a riqueza do marido lhe ia trazer...

— o —

Dizem que o amôr purifica os sentimentos. E isso é bem certo porque JACK DALEY, na embriaguez daquelle grande amor, começou a sentir que se lhe filtrava nas trevas da alma as luzes do arrependimento. E pozse a sonhar como seria feliz, mudando de vida honestamente. Estava certo que lutaria muito e que teria de enfrentar as mais duras difficuldades para realizar o seu sonho de regeneração. E certo de que LUCIA ROGERS o ajudaria, approvando-lhe a idéa, correu a contar-lhe o que se lhe passava no intimo... LUCIA ROGERS ouviu-o, sem esconder-lhe o seu espanto, mas escondendo-lhe a sua revolta. Ouviu-o confessar-lhe que ia entregar ao promotor a confissão de todos os seus crimes e o producto do seu ultimo roubo, para, assim, penitenciar-se dos seus crimes e regenerar-se com o auxilio de um representante da lei, que sempre infringira. LUCIA vendo que seus planos falhavam com esse resolução de DALEY, correu para os braços de FRANK, tudo lhe contando. FRANK, querendo inutilizar o inimigo para sempre, conseguiu apanhar a confissão e o dinheiro de DALEY antes que chegassem ás mãos do promotor. LUCIA, por sua vez, obedecendo ao plano traçado por FRANK, voltou á casa do esposo, collocou-lhe nos bolsos as notas roubadas ao Banco e

ALHEIA

escondeu-se, vendo a policia chegar, á denuncia minucioosa daquelle, prendel-o e leval-o para a cadeia. Para DALEY tudo aquillo fôra obra do promotor CARLSON. Se elle lhe mandara a confissão e as notas do Banco como estas lhe appareceram nos bolsos? E, jurando vingar-se DALEY, foi cumprir a pena com que a justiça o premiou, precizamente quando elle se dispunha a regenerar-se, sem de leve pensar que a alma damnada de toda sua desgraça fôra a sua propria mulher...

— o —

Logo que se livrou de DALEY, LUCIA passou a viver com FRANK, compartilhando dos seus lucros faceis sem de leve, siquer, pensar no homem que a desgraçara... E nelle só pensou, dias depois quando, estarrecida, ouviu de uma estação de radio a nova de que alguns dos presidiarios iam ser postos em liberdade, dentro de pouco tempo, e entre os quaes constava o nome de DALEY... De novo FRANK, que o temia, engendrou um plano diabolico. E descreveu-o, minuciosamente, a LUCIA para que esta o executasse: ella procuraria DALEY, no carcere e avisal-o-ia de que o promotor a não deixava em paz, perseguindo-a sempre e sempre delle falando mal. Assim mais e mais augmentariam o odio que DALEY sentia pelo promotor CARLSON... E maldosamente, ainda, LUCIA lhe daria uma serra, com a qual DALEY abriria caminho para a liberdade, indo, não entrar no goso desta, mas exercer a vingança que todos os seus sentidos reclamavam. A madrugada ia alta quando DALEY, depois de horas inteiras de esforços ingentes, conseguiu vencer uma muralha immensa. E já vencia outra, quando os holophotes que, na sua vigilancia constante varriam de luz todos aquelles recantos, foram surprehender DALEY. Dado o alarme, em pouco dezenas de homens se precipitavam sobre elle, correndo-lhe no encalço e perseguindo-o atrozmente. Graças, entretanto, a um truc, que habilmente poz em pratica, DALEY conseguiu livrar-se dos seus perseguidores e dos seus tiros de metralhadoras, fugindo numa motocycle que arrebatou de um guarda. E ganhava distancias na vertigem mais louca, quando, ao fazer uma curva em terreno difficil, tombou, ladeira abaixo, num desastre horrivel. Tudo isso, o horror de todo esse drama emocionante, a linda ELZA LANGDON assistiu, do seu automovel, os olhos cheios de pavor. E movida por um natural sentimento de piedade, com o auxilio do seu chauffeur, desceu daquellas alturas, indo soccorrer o pobre homem, levando-o para o hospital do seu velho pae, o conhecido cirurgião BRUCE LANGDON

Os dias correram e com elles os passos perdidos da policia que em vão o procurava e os sobresaltos e as angustias de LUCIA e FRANK que não achavam uma explicação para o mysterio de que se cercara DALEY desde a sua fuga. Este, entretanto, de melhora em melhora, sob os cuidados carinhosos da sua salvadora, que já começava a querel-o bem, estava a caminho de um prompto restabelecimento. Este afinal chegou e, quando desamarradas as ataduras que lhe tapavam o rosto, se viu em frente a um espelho, DALEY soltou um grito de estupefacção, porque elle via no reflexo do espelho, não a sua propria figura, mas uma imagem differente, sem aquelle horror, e aquella catadura sinistra que era a sua. O medico a quem DALEY crivou de perguntas, explicou-lhe que essa era exactamente a sua especialidade e que por isso

(Termina no fim do numero).

ANITA
PAGE
NÃO
PINTA O
"SET",
PINTA
OS
ARTISTAS..

NÃO ESTÃO
VENDO AHI
OS TRABALHOS,
OS SEUS
TRABALHOS?

Porque fracassam os Casamentos de Hollywood

Ha pessoas neste mundo que parecem seguir uma estrada simples e agradavel, sem um unico accidente, do berço ao tumulo. Tudo lhes corre ao sabor da sua vontade. As pedras de construcção do edificio da vida, como no mytho hellico de Orpheu, ao som da flauta, collocam-se milagrosamente nos seus logares. A obra torna-se solida e perfeita. O amor perfeito e solido. Nada de tropeços nem quédas imprevistas. Tudo ás mil maravilhas! A vida flue suave, sem accidentes, nem baldões.

E' o que não succede com Blanche Sweet.

Jamais palmilhou a vereda tranquilla da vida, a estrada sem accidentes, tresandando a olores silvestres e a doçura campezina. Não é que a sua vida tenha sido uma horrida *Via Dolorosa* desde o berço até hoje. Isso não.

Mas nem ella floreceu nem lançou botões. Houve abysmos, barrancos, subterfugios, trevas de calaboiços e desertos fustigados de sol.

Desde sua verdadeira infancia a vida tem tido todos caracteristicos de um inextricavel enigma. A vida foi um problema difficil, revestindo-se de todos os attributos de uma tragedia. Póde-se dizer que os mais penosos escarmentos, imprimiram-se no seu destino como cicatrizes desde a edade em que ella devia estar ainda envolvida com as bonecas. Teve de lutar pelo pão de cada dia desde quando precisava estudar taboadas e ornar-se com os laços de fita.

Sua mãe morrera precocemente, deixando-o numa dolorosa orphandade. Durante muitos annos Blanche Sweet não poude saber onde estava seu pae, ou mesmo quem era elle. Com a sua fiel e bondosa avozinha, a pobre garota começou a enfrentar a vida atravez do palco.

* * *

A vida nunca foi tranquilla para Branche. Nem o amor teve a doçura do mel que outros degustam. O seu labor foi sempre um successão de subterfugios e decepções. A vida deixou timbrado o seu cunho na mesma garotinha que, já no arrebol da existencia, descortinava o horizonte vasto da cinematographia nos seus primordios. Quando D. W. Griffith fazia projectar os primeiros *films*. Quando Gishes fazia os primeiros ensaios. Quando Henry B. Walthall se arvorava em pioneiro de uma nova arte e Mary Pickford começava a conhecer as doçuras da vida...

Ainda hoje Blanche Sweet e Dorothy Gish são as melhores amigas.

Ainda hoje Blanche Sweet tem a mesma apparencia de ha dezeseis annos atraz, quando justamente ella contava dezeseis annos de idade. Esbelta e formosa, vestida numa roupa azul-pallido de sport. Com um decote exhibindo as pernas desnudas e esculpturaes. Maneiras alegres ao menos, se não o coração, jovial, encantadora. A unica differença entre a Blanche Sweet de hoje da de outros tempos é que na profundidade azul marinha daquelles olhos estampa-se um "que" de sabedoria e conformação. Tal olhar tanto póde reflectir a dôr quanto a resignação.

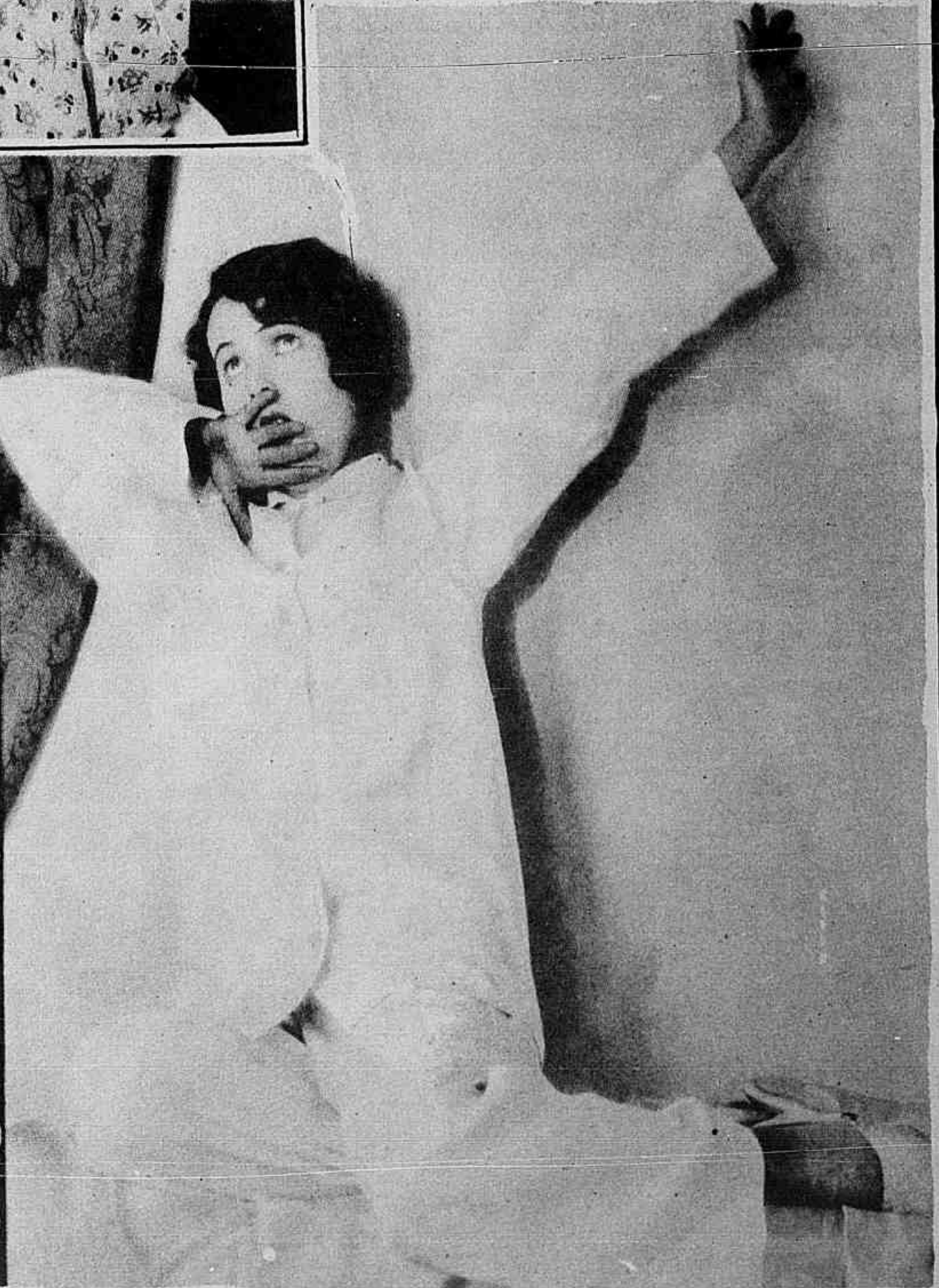
Ella tem razão, parece-me reflectir a amargura e a desillusão. Nós todos sabemos, nós todos ouvimos dizer que tem havido horas negras na vida de Blanche Sweet. Batalhas a ser travadas e ganhas, lamaçaes e paues que desanimam a ser transpostos, os pequenos nadas da vida, a tortura intima do ideal inatingivel.

Ella tem razão de estar desiludida a respeito do amor, acerca da justa recompensa da luta mais do que habilmente conduzida. Mas não está desilludida e o facto de não estar é que é a chave do caracter de Blanche Sweet. E' o motivo por que ella volta outra vez. Desta vez eu gostaria de vaticinar e deter.

A outra chave do caracter de Blanche Sweet consiste no facto de que atravez de todas as vicissitudes da sua carreira, em todas as vezes em

(*Termina no fim do numero*)

SUE CAROL. EM BAIXO, LILLIAN ROTH. AO CENTRO, OLIVE.

LOIS MORAN DOROTHY MACKAILL

Rodolpho Gallante

UMA DAS SUAS "PARTE ÑAIRES"

RODOLPHO, como se sabe, é de Campinas. E' bailarino em Hollywood. Já tem figurado em varios films.

O QUE SE EXHIBE NO RIO

BILLIE DOVE, SEMPRE LINDA...

PALACIO-THEATRO

A MULHER EM LEILÃO — (The Love Mart) — First National —Producção de 1927 — (Prog. M. G. M.).

Considerado sob o ponto de vista de belleza pictorica é este um dos maiores films destes ultimos mezes. E' lindo. A atmosphera romantica da Louisiania de 1805 em toda a sua requintada elegancia e cultura foi captada com perfeição. A belleza das montagens e das roupas, a photogenia dos angulos de ca*mera* e a formosura dos interpretes principaes completam a emoção esthetica visual de todo o film. O film tem uma historia, é logico. E bem interessante até. Com um conflicto amoroso genero "amo-te-odeio-te". E' farto em situações fortemente melodramaticas Basta dizer que a heroina orgulhosa flôr da elegancia local no *climax* é dada como escrava e vendida em leilão na presença de todos os seus antigos admiradores... Mas George Fitzmaurice como quasi sempre só se preoccupou com a belleza pictorica do film. O resto o que Benjamin Glazer deixou escripto no scenario elle limitou-se a dirigir como um director qualquer. Dahi a impressão vaga de falso e artificial que se nota no decurso das situações mais empolgantes. Apesar disso porém o romance de Billie Dove e Gilbert Roland tem encantos sufficientes para causar successo.

Billie Dove nunca surgiu mais bella na téla prateada. Realçam-lhe a extraordinaria belleza a intelligencia dos angulos de Fitzmaurice e tambem os vestidos e chapéos que usa em todo o film. Gilbert Roland desta vez apparece muito mais sympathico e um tanto sobrio de gestos. Noah Beery é o mesmo terrivel careteiro de sempre. Elle é o typo ideal para fazer o *Capão* num film de crianças... Armand Kaliz, Raymond Turner, Emil Chautard e Boris Karloff são os outros componentes do elenco. Todos com regulares desempenhos.

E' um film maravilhoso para os olhos. E' mais uma téla de George Fitzmaurice...

Cotação: 6 pontos — P. V.

IMPERIO

O CRIME DO STUDIO — (The Studio Murden Mystery) — Paramount — Producção de 1929.

Creio que não ha fan que já se não tenha queixado da avalanche de *casos policiaes* que vem inundando as télas, nestes ultimos mezes. Rara é a semana que passa sem que um dos Cinemas da Avenida exhiba um *caso* com as suas indefectiveis scenas e sequencias de investigações e julgamento. "O Crime do Studio" é mais um desses famosos *casos*. Gira em torno de mais um desses crimes mysteriosos em que as suspeitas recáem sobre meia duzia de pessoas innocentes para só no final se ajustarem no verdadeiro criminoso. E' verdade que como muitos outros semelhantes tem a grande inferioridade de ter sido produzido como film falado. Ainda assim no entanto é um film que se vê sem aborrecimento A sua urdidura está bem traçada. Tem um *suspense* bem mantido até o final. Tem bons toques de comedia photogenico, um pouco de romance e uns laivos de caracterização. Diverte bastante. A gente só sente de mal os numerosos letreiros. Em compensação a atmosphera do studio da Paramount tem verdade e os *sets* que apparecem satisfazem a todos os *fans* O *suspense* é de primeira qualidade. Mas é quasi arruinado pela presença no film de Warner Oland. Vocês já viram o Warner tomar parte num film sem praticar pelo menos um crime? Neil Hamilton e Doris Hill beijam-se e olham-se romanticamente. Frederic March não é seductor nem aqui nem na China. Sua esposa Florence Eldridge faria muito melhor ficando no palco mesmo e convencendo o seu esposo a fazer o mesmo. Eugene Pallette dá *palpites* hester Conklin tem bôas bolas. E. H. Calvert, Lane Chandler. Guy Oliver, Gardner James e Donal Mackenzie completam o elenco.

Frank Tuttle não fez má obra na direcção.

Cotação: 5 pontos. — P. V

CAPITOLIO

A MAL CASADA — (Man Made Woman) — Pathé — Producção de 1928 — (Ag. da Paramount).

Um thema moderno posto numa forma convencional e scenarizado commercialmente por Alice D. G. Miller. Leatrice Joy é a esposa que não tem a felicidade de ser comprehendida pelo marido. John Boles é o esposo que depois de casado tenta reformar a esposa. E H. B. Warner *banca* o Menjou no caso. Seena Owen serve para fazer Leatrice voltar aos braços de John. Os *sets* são todos muito luxuosos. As *toilettes* de Leatrice são do outro mundo. E a belleza de Jeanette Loff põe todo mundo tonto. Paul Stein dirigiu a contento. Póde ser visto.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

PATHÉ-PALACIO

O TAXI N. 13 — (Taxi 13) — F. B. O. — Producção de 1928 — (Prog., Matarazzo).

Vocês vão rir muito á custa das desgraças de Chester Conklin neste film. E' uma comedia ora sentimental, ora *slapstick*. Mas diverte a valer. Não apresenta motivos comicos

Mary Doran.

de typos e direcção theatral. E' um film tão vulgar que a gente lhe nota a nitidez da photographia e perfeição das viragens. Hedda Hopper é uma illustre mamã que se não conforma com a velhice. Constance Howard linda como sempre é a filha quasi sacrificada. E Hugh Allan é o heroe cujo coração balança entre as duas, mãe e filha. Em todo caso póde ser visto.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

QUANDO AS ESTRELLAS BRILHAM — (Sally of the Scandals) — F. B. O. — Producção de 1928 — (Prog. Matarazzo).

Vocês conhecem a historia da corista que é enganada pelo empresario e no fim só encontra consolo nos braços do heroe? Conhecem não é assim? Pois bem! A historia deste film é completamente differente... A corista encontra consolo nos braços do empresario que é um homem ás direitas. O que até pouco antes da situação climatica é o heroe não passa de um refinado larapio. E' uma historia batida, mas tem a originalidade de ter sido torcida. Quanto ao mais pouco differença faz das outras que têm por heroina a corista que tenta carreira na Broadway. Bessie Love com a sua extraordinaria vivacidade e a sua sympathia pouco commum enche todas as scenas. Allan Forrest é o galã. Jerry Miley faz o villão. Margaret Quimby ensaia para *vampiro*.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

novos e irresistiveis. Mas o director Marshall Neilan soube aproveitar maravilhosamente a personalidade e o typo de Chester num papel dos de sua especialidade. Tem os seus trechos hilariantes. A perseguição, o destino do taxi de Chester, a explosão final — entre outros. E' muito pobre de elemento amoroso. Mas Chester é o film inteiro. Martha Sleeper, Ethel Wales, Lee Moran, Hugh Trevor e Jerry Miley coadjuvam-n'o a contento. Serve para matar o tempo e curar pessoas supersticiosas.

Cotação: 5 pontos. — P. V.

JOGO ARRISCADO — (The Shady Lady) -- Pathé — Producção de 1928.

Um melodrama muito bem dirigido e representado por um elenco de valor. E' pena ter uma historia fraca e destituida de um bom conflicto amoroso como seria de desejar no caso. A atmosphera de Havana é real. Tudo muito bem observado. Mas essa cousa de contrabandistas seja lá do que fôr mesmo de armas de fogo aqui já não offerece nada de novo. Emfim quem for apreciador do genero gostará bastante. Edward H. Griffith é um bom director. Elle sabe lidar com qualquer material. Inclusive comedia como o prova aqui de quando em quando. Phyllis Haver é a principal figura. Tem um magnifico desempenho. Ella e Robert Armstrong dão conta do recado. Louis Wolheim tambem não fica atrás. Russell Gleson toma parte.

Cotação: 6 pontos. — P. V.
Passou em reprise "A Cabana do Pae Thomaz".

ELDORADO

ANTE OS OLHOS DO MUNDO — (Three Different Eyes) — Fox — Producção de 1929.

Parece incrivel, mas é verdade. E' este film focaliza mais um caso judicial. Só differe dos outros por não apresentar as costumeiras scenas de investigações policiaes. A cousa começa no tribunal. E do crime, já commettido, surgem tres versões differentes que occupam centenas de metros de celluloide cada uma. São quasi tres films curtos differentes. São as versões do promotor, do advogado de defesa e a verdadeira. E em todas ellas o pobre Warner Baxter passa pelo dissabor de morrer. Mary Duncan salva a monotonia de tudo. Edmund Lowe tem um bom desempenho. Ia esquecendo — o film é muito mais para ser lido nos letreiros do que visto. Era falado. E' mudo.

Cotação: 4 pontos. — P. V.
Passou em reprise "Terra de Todos"

PATHÉ

TRISTE VERDADE — (Cruel Truth) — Universal — Producção de 1929.

Um filmzinho commum de linha cujo unico objectivo parece ser o de preencher uma vaga na programmação dos seus productores. Poucos interiores, material insufficiente desenvolvido num scenario ôco e de construcção convencional, bôa representação, má escolha

IRIS

QUANDO O PERIGO CHAMA — (When Danger Calls) — Sam Sax — Producção de 1929 — (Prog. Matarazzo).

William Fairbanks continua a tentar toda sorte de aventuras. Os seus *fans* por meio delle têm experimentado toda a escala de emoções. Ainda aqui elle faz passar uma corrente pela espinha, dorsal da gente. O diabo é que elle se esquece de todos os outros factores de successo de um film do genero que explora. E com especialidade do elemento amoroso. Entretanto aqui vocês terão o prazer de rever a querida ex-rainha das séries — a audaciosa e sympathica Eileen Sedgwick.

Cotação: 4 pontos. — P. V.

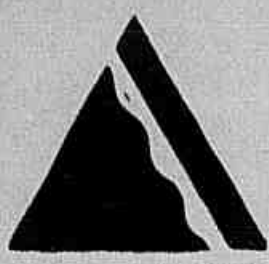
VOANDO ALTO — (Flying High) — Lumas — Producção de 1928 — (Prog. Matarazzo).

Alice Calhoum desta vez inopinadamente vê-se envolvida numa complicação medonha de aviões e bandidos. William Fairbanks entretanto garante a sua integridade physica... A gente fica com tonteiras diante de tantas besteiras. E' uma lastima!

Cotação: 2 pontos. — P. V.

QUANDO O DESTINO QUER — (Out with the Tide) — Peerless — Producção de 1928 — (Prog. Matarazzo).
Cullen Landis, Dorothy Dwan e Mitchell Lewis são os heroes deste melodrama maritimo. Muitas lutas, muita violencia, um assassinato e um *bar* da fuzarca. Como divertimento, passa. Cranford Kent continua a fazer maldades e a cara de Sojin dá um tom oriental ao conjuncto...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

JACK OAKIE... Não tem Chapeu...

A METROPOLE do cinema! Não será nada de espantar que, sendo Hollywood uma das cidades para onde converge a attenção universal ser em consequencia disto um dos maiores centros de attracção dos tempos modernos.

O que é Roma para o mysticismo dos povos civilizados, Paris para o mundanismo e as letras, New York para o ouro, o commercio e uma plutocracia insuperavel no transcurso de toda a historia humana, Hollywood é para o Cinema.

* * *

E' ali que vamos encontrar, numa profusão de facto assombrosa os cavalheiros de outras terras, os sheiks, os jovens famulos ornamentos de quinquilharias caracteristicas e vestuarios peculiares, braceletes, colares, pingentes etc... mulheres de todos os climas e latitudes. Entretanto numa noite lúrida de luar, vagando pelas ruas, podemos deparar com um interessante mafuá. Mas uma especie de mafuá onde nos poderemos sentar, resfestelarmos á vontade diante da profusão de annuncios interessantes e cartazes affixados, diversões nocturnas e jogos.

Falamos do de Jack Oakie.

E com que gosto elle ornamentou tudo aquillo! Entretanto elle está sujeito a ficar dentro de Hollywood vestido unicamente de umas calças poentas, uma camisa tresandando a suor e um par de sapatos de tennis.

Diz-se que elle nunca possuiu nem um chapeu. Tem uma apparencia tão esquisita que, quando O. O. Mc Intyre o viu certa vez, teve um grito de exclamação. Em traços geraes e breves podemos retratal-o assim: Um rapaz desenvolto, transpirando felicidade, sem affectação, algo indifferente; altura mediana, vinte e cinco annos e risonho.

Quando affirmamos ser Oakie uma *avis rara* nesse paraiso de artificialidade, queremos significar que elle aguardava a nossa entrevista ás dez horas. Como vemos, a maioria dos homens ás dez horas sahem para o *lunch*.

Fomos introduzidos num vasto escriptorio. A porta fechou-se atraz de nós. Sem consideração alguma para com a minha idade, Jack immediatamente segurou uma cadeira na sala, puchou-a até a escrivaninha: — Sou o importuno do dia, disse eu. — Seguiu-se um longo silencio em que nos encaramos sobre uma especie de par de cães de fila. Finalmente Jack fez ouvir a sua opinião.

— Chamo-me Jack Oakie. Aqui estou ha dois annos. No mesmo mafuá. Prosigamos. Autorizo-o a fazer as perguntas.

— Que sei eu? Falemos a seu respeito e divaguemos em torno do mesmo assumpto versado na ultima entrevista.

— Está bem. Esta senhora, por exemplo, cuja evidencia, graças aos magazines e jornaes está sempre em fóco, attrahindo a attenção da multidão. Quando eu entro, ella diz: — Prosiga. Seja sempre alegre e excentrico. — emquanto a sua expressão physionomica parece dizer: — Morrerei antes de expender um bom sorriso. Algo mais contradictorio! Supponhamol-a no Studio justamente no momento em que vamos tomar um refresco e eu, por exemplo, digo-lhe para sentar-se e esperar-me um minuto. Dentro de cinco minutos eu volto para fazermos juntos um *lunche* e palestrarmos. Ella não saberá responder. Terás então algo para escrever. O grande Jack Oakie fechará o seu repertorio de pilherias e conduzirá então a dama da entrevista a um grande restaurante e isso não terá graça. Veja aonde eu quero chegar. Dessa maneira eu direi: Jack, você e a publicidade nem sempre estão de accordo.

"Como assumpto de importancia ponderavel sómente uma coisa ha de importancia a meu respeito a escrever e que jamais foi explorado pela arguicia dos reporters. Não sou o responsavel por todos os meus insuccessos. Por que não escrever a respeito?

— Tentarei. Por que não? — tornei

— Veja. Vou lhe dar o fio da meada — e Jack reiniciou a divagação. — Quando eu terminei a confecção de duas fitas ultimamente, correu a noticia de que todo mundo observava o Oakie, elle safou-se da entaladela das scenas para expandir-se numa bôa carraspana.

* * *

A cerca do ultimo film em que trabalhei com Evelyn Brent, ella teve noticia do que eu falei, por isso dirigiu-se a mim no Studio e falou: "E' um homem de influencia? Pois então marche para frente, na vanguarda. Para a frente, *Mac Duff* como guia". Entao, quando percebe que eu me faço de surdo na algazarra, que faz ella? Gasta a metade do seu tempo, ajudando-me no ensaio dos meus papeis, collocando-me diante da camera e acompanhando-me todos os gestos. Ella tem a esperança de me ensinar uma porção de trucs e habilidades da arte.

Mas, você vê, acabo justamente de chegar do palco, onde as coisas são encaradas de modo differente. Quando a gente abandona o palco deve ter todo o cuidado em não querer olhar para traz. Se a gente não estiver actualmente de costas viradas para o theatro é difficil resistir á attração da platéa. Eu nunca pude fazer uma idéa perfeita de que as lentes da camera eram as unicas duas polegadas de auditorio.

Toda a minha personalidade sentia a attração de penetrar naquelle publico reduzido.

Trabalhei com Clara Bow, após alguns lances ella me chamou á parte e perguntou-me se realmente eu não queria figurar nas suas scenas, respondi-lhe que o timbre de sua voz não me impressionava e ella explicou:

— Jack, rapaz, você está em bôas condicções de apparecer nas scenas, entretanto não se fez notar em nenhuma dellas, não sabe onde está a camera? Hein?!"

E então Clara gasta a hora do seu *lunch* em explicar-me a maneira de me collocar no centro da scena. Quando você passar pelo logar onde isso se occorre fará uma pallida idéa do que a estrella tem feito por mim.

* * *

A verdade é que todos com quem eu tenho trabalhado têm feito todo o esforço para me auxiliar. Dorothy Mackaill ensinou-me como segurar uma frigideira durante uma filmagem e convenceu-me de que este acto banal em si mesmo requer arte e intelligencia.

Zazu Pitts desempenhou o seu papel com mais morosidade do que costumava fazer de maneira que os meus passos ordinarios déssem a impressão de velocidade. Betty Compson deu-me as lições a que devo o pouco que tenho conseguido.

"Sem duvida estou progredindo sensivelmente. Estou fazendo tudo o que ellas têm me ensinado. Estou começando a crer que o garoto de outros tempos ha de dar para alguma coisa afinal. Procuram além disso pôr-me em contacto com esse talento de escól que é Helen Hane. Conhecê-a?

Ainda que nunca ella fizesse um film, eu digo a mim mesmo: "Aqui está o logar onde eu emprego todos os subterfugios e insinúo todas as subtilezas". Durante todos os ensaios passo contemplando a garôta ao piano, emquanto ella não faz nem um movimento para contemplar o bichano á pouca distancia da camera. Pois, se estivessem realmente filmando essas scenas como nós as ensaiavamos, vocês todos haveriam de ver-me na téla representando um papel interessante e teriam de ouvir uma serie de sons significativos vindos de traz do piano.

* * *

"Antes de começarmos a filmagem eu faço todos os calculos, medito em tudo o que vou fazer. Aqui ellas me deram as explicações de como procurar evitar a exhibição da minha inhabilidade quando resolvo a tentar fazer alguma coisa. E Helen conserva-se no mesmo logar em que estava ha dois annos atraz.

"Dessa maneira, quando se me depara a opportunidade de sobresahir no film, eu arrebato a Helen de detraz do piano e pucho para adiante da camera. "Vamos Nenen, bate nelles!" E ella faz.

"Pucha, que já estamos aqui ha mais de uma hora e você não me fez nem uma pergunta ainda! Já é hora de se comer alguma coisa e você ainda preso a esta entrevista. Vae me perguntar alguma coisa?

Julguei ser grande sacrificio, mas perguntei chistosamente: Tudo o que eu quero saber é: Quem estava você e Skeets Gallagher suppondo que estavam imitando em "Close Harmony?

— Nós estavamos reproduzindo um Van e Schenck, comprehende?

Mas a critica diz que são prohibidas as pechinchas...

Moran e Mack...

O CINEMA FALADO LEVOU-OS DE BROADWAY PARA HOLLYWOOD...

Culpa Alheia

(FIM)

não tivera duvidas em melhorar-lhe o "frontispicio". E foi com indiscriptivel surpresa que ao se despedir do medico, ouviu deste o conselho "de que se regenerasse". Admirou-se mais ainda DALEY do medico ter sabido sua identidade e não ter denunciado, partindo reconhecido pela generosidade do homem de sciencia e preso, pelo coração, á sua encantadora filha...

—— o-o ——

Si DALEY estava sedento de saudades da esposa que elle julgava fiel, não estava menos sedento de vingança pelo homem que julgava um criminoso. E de um telephone communicou-se com LUCIA, avisando-a de que ia naquelle instante executar o plano que o levara a fugir de casa. Ella dominando sua surpresa indagou-lhe porque custara tanto a apparecer, respondendo-lhe elle que depois lhe diria tudo. E tal promettera, DALEY appareceu de subito com o revolver na mão ante o promotor CARLSON que se encontrava só no abandono do seu gabinete. Não reconheceu o homem que lhe invadia a casa, armado, e só depois deste proferir o nome — JACK DALEY, é que elle viu que tinha ante os olhos o proprio DALEY, transfigurado e ouviu-lhe, o horror de todo o odio que o cegava; entre surprezo e revoltado, todas as infamias que LUCIA, para servir FRANK lhe tinha semeado no espirito; escutou-lhe com attenção toda a maldade que o cegava; e já se dispunha a morrer immolando, á perversidade de uma mulher sem coração, quando surgiu seu pequenino filho, tonto de alegria, os braços abertos. O promotor agarrou a creança e beijou-a ternamente quasi confundindo as lagrimas que não chorou com os sorrisos que elle sorriu, crente de que era a ultima vez que apertava no seu o corpo do filho. Essa scena, si bem que perturbou DALEY, não o commoveu e tanto assim que logo que o menino se afastou, á ordem do pae, DALEY engatilhou a arma para matar o alvo dos seus odios. Nesse momento entretanto, orientada por uma denuncia de FRANK, a policia comparecia á casa do promotor indagando-lhe se até aquelle momento DALEY ali não apparecera. O promotor CARLSON, nobremente despachou os policiaes, dizendo-lhe que DALEY não tinha apparecido, isso ante os proprios olhos de DALEY que não sabia explicar a si mesmo a generosidade daquelle gesto. E quando os policiaes se foram, tendo indagado do promotor porque elle não o entregara, ouviu deste a explicação de que não o fizera para provar-lhe que DALEY era victima daquella maldita mulher que preparara aquillo tudo para desgraçal-o mais ainda. E contou-lhe a verdade toda, a verdade que sabia minucia por minucia. DALEY curvou-se á evidencia e indo á casa de LUCIA procurou-a como se fosse um amigo de JACK (delle mesmo). Teve aos olhos toda a infamia da esposa que festejava com FRANK a sua possivel prisão. Revelando a sua identidade, cheio de revolta e de desespero, JACK DALEY, enfureceu FRANK que para elle avançou disposto a matal-o e ao disparar a arma que empunhava, FRANK feriu de morte LUCIA que se interpoz entre os dois homens, matando-a. Nessa occasião o promotor CARLSON que á partida de DALEY comprehendera que algo de dramatico ia acontecer, chegava a tempo ainda de deter FRANK e de esclarecer o crime, para felicidade de JACK DALEY, que daquelle dia em diante, chorando embora a ausencia da esposa que tanto queria, não mais tinha a desgraçar-lhe os passos, a sombra daquella maldita.

(Barros Vidal, escreveu especialmente para *CINEARTE).*

Cinearte apresenta Didi... Viana!

(FIM)

Perguntei por Didi Viana. Todos a conheciam. Metteram-me num automovel cuja chronometragem ia de zero a cento e vinte com uma facilidade assombrosa. A velocidade do auto é que era sempre a mesma.

— Ella trabalha aqui, disse o chauffeur. Ajuda o pae no cartorio. Elle é escrivão. Mas agora não estão ahi. Vamos dar uma chegada até á casa delles.

Na porta perguntei quanto devia. Paguei dois mil reis de automovel. E se não demorasse muito ainda tinha direito á volta.

Recebeu-me uma senhora que pelos traços devia ser a mãezinha de Didi.

E era mesmo.

— Ella não está, mas vou mandar chamal-a.

Emquanto que, de uma em uma, a sala se enchia de creanças, sem duvida irmãzinhas da futura estrella, disse ao que ia.

De maneira que, quando ella entrou, já sabia o que eu fôra ali fazer. A impressão que tive, foi a de estar assistindo áquellas comparações de Gance ou á technica de um Tourjansky.

Ella, com uma desenvoltura de admirar, sorrindo com o mais lindo sorriso do mundo estendeu-me a mão e disse-me com a voz mais synchronizada ao seu typo:

— Como vae, operador?

Não sou o velho rheumatico que responde as cartas de "Cinearte", mas não fiquei zangado com o engano. Não vê?

E que olhos que ella tem! Se os olhos não falassem silenciosamente, eu estaria maluco. O seu typo? Juntem a vivacidade de Clara Bow mais a malicia de Alice White, a sympathia de Sue Carol e a suavidade de Billie Dove, e todas as pequenas de "it". Todas sommadas juntas, multiplicadas entre si. E accrescente-se Gracia Morena, que terão uma idéa do que ella seja. Não pensem que exaggero. Vão ver...

E' das maiores descobertas do Cinema. E vae fazer de Ipaussú um dos logares mais famosos do Brasil.

Escutei-a falar do seu ideal de ser artista.

Julgava tão difficil... Nunca sahira dali, tão longe do meio Cinematographico. E depois, lia sempre no "Cinearte" a resposta áquellas que desejavam ser artistas — "Archivamos seu retrato. Aguarde melhor opportunidade".

Ainda se ella fosse homem, quem sabe? Haveria mais facilidade. Via isto igualmente nas respostas: "Sim, estão procurando galã mas ainda não acharam. Para as moças, a menor esperança. Mesmo assim tentou. Quem sabe se não teria sorte? E mandou perguntar ao operador de 'Cinearte" se podia entrar para o Cinema Brasileiro. A resposta foi que enviasse photographias. Reuniu-as e assim fez. Naquella noite pediu protecção nas suas rezas para realizar o mais bonito ideal de sua vida. Dois dias depois, recebeu o telegramma pedindo condições para ser uma das estrellas de "Saudade".

Não se conteve de contente. Mas como fizera tudo escondida da familia não podia responder sem primeiro consultal-a. Dahi ter recebido o outro telegramma e a carta.

Didi Viana já não dormia. Sua mãe estava exercendo o posto de agente dos correios em S. Bernardo.

Quando cheguei, sua mãe me precedera apenas por um trem. E estavam justamente estudando as possibilidades de attender ao appello patriotico do Cinema Brasileiro. Ajudei-os, esclarecendo a situação. Seu pae prometteu-me pensar. Que eu ficasse com elles, e á tarde teria resposta. Sua esposa concordou logo. Não queria contrariar a vocação da filha. Além disso contou-me:

Na vespera da sua partida para S. Bernardo, á noite, reunidas todas as moças da vizinhança, entretinham-se em tirar sortes com um emulo de Julian Eltinge. E elle disséra para sua filha, que iria realizar seu ideal de ser artista. Seria muito feliz e teria uma carreira sympathica, gloriosa e brilhante. E que o portador desta noticia, seria um moço da cidade...

Não acreditavam em chromancias. Mas as vezes ellas se realizam. Pelo menos desta vez principiára certo...

Durante o dia, estivemos conversando. A estrellinha de Ipaussú me disse das suas ambições e das suas tristezas por não ver realizados os seus sonhos tão lindos. Tanto que não podia acreditar fosse verdade a minha presença ali, para tornar real as suas ambições.

Mas devia ser. Já toda a cidade murmurava que do "Cinearte" tinham vindo buscar o idolo de Ipaussú. E começaram as visitas. Uns se contentavam em espiar pela janella. Outros entravam para ser apresentados. Indagavam pormenores. E havia tambem os que queriam ver se serviam para artista. Felizmente, o photographo do logar, chegou com a sua machina. Fizemos varias pôses no jardim. Depois no alpendre. E no alpendre cercado de samambaias, ficamos conversando. Tanta cousa... Falamos até de amor. E ella cantou para eu ouvir. Poz tanto sentimento na sua voz que perguntei-lhe se havia amado alguma vez. Se tivera algum namorado. Um noivo a quem quizesse bem... Sim, um noivo. Gostava delle? Sabia apenas que não tivera pezar no rompimento. Estava livre para sua Arte e para a sua vocação.

— Seu primeiro amor...

— Não. Um dos primeiros, mas não o verdadeiro, que este ella o dedicava ao seu ideal de ser artista.

Desde pequenina foi esta a sua unica ambição.

— E qual a sua maior emoção?

— Quando eu o vi e soube quem era e o que vinha fazer. Foi tambem a minha maior alegria, que só será ultrapassada, talvez, quando enfrentar a camera.

E como se tivesse uma idéa surgido repentinamente:

— Eu vou posar com Mario Marinho, não é? Elle está muito sympathico no "Cinearte" do Natal...

— Disse-me da sua alegria. Agora desejava saber qual o seu maior pezar.

— O meu maior pezar... Ah! sim, eu só tenho um. E' o de não ter tido minha opportunidade ha mais tempo.

Nisto, chegou um amiguinho. Representante do "O Jornal" e presidente do Gremio Artistico de Ipaussú".

Apresentou-m'o. Devia estar magoado commigo, disse. Eu ia privar o seu gremio da sua maior artista, e levar de Ipaussú a vida e a alegria de suas reuniões. Emfim, ella ia dar renome ao lugar. Se não compensasse a tristeza que deixava, seria pelo menos um orgulho para os que ficavam...

O Gremio Artistico de Ipaussú, é um nucleo de amadores, dirigido pelo proprio pae da nossa estrellinha que realiza de quando em vez, alguns espectaculos para distracção.

— Uma vez, disse-me ella, não havia quem desempenhasse o principal papel feminino. Papae affirmou que eu não dava. Não tinha jogo de scena e minhas expressões careciam de estudo... Santo de casa não faz milagre. Mas não havia ninguem para o papel. E fui acceita afinal de contas...

Salão cheio. Publico exigente.

Abre-se o panno. Não tive o menor receio. Quando chegou a scena dramatica, onde eu devia chorar, o galã me dava indicações como eu devia proceder. Papae estava nervoso. Eu não. Convenci-me do meu papel e chorei de verdade... Apenas eu forçava os soluços para que a audiencia visse que eu estava realmente chorando. A maior surpreza, po-

rém, foi minha, quando vi que todos estavam igualmente chorando. Foi meu triumpho. Pelo menos eu fiquei pensando que era mesmo uma artista de verdade.

E mudando de assumpto, perguntou-me se no Rio poderia conhecer pessoalmente. Tamar Moema, Eva Schnoor, Lelita Rosa, Noemia Nunes, Luiz Sorôa e todos os artistas brasileiros.

Acha Sorôa um rapaz sympathico mas não gostou de vel-o nas photographias com um cachimbo no canto da bocca.

E de novo mudando de assumpto.

— O Rio é muito bonito, não é? Estou louca para ver seus passeios mais famosos. Aqui nós só temos o Salto. Conhece: Vamos lá.

Antes julgou que eu deveria estar com fome e tomamos um chá com bolos do outro mundo...

Para se chegar ao Salto do Palmital, têm-se que atravessar toda a cidade. E' assim uma especie do Funil em Cataguazes...

Tomámos um automovel. Em cada buraco, o chão que era de madeira, pulava mais do que nós que iamos sentados nas almofadas. A coberta parecia mais as velas de um yacht desarvorado. Cada curva que o auto fazia eu mudava de logar com os outros passageiros, sem que tivesse a menor vontade de o fazer. Mas nós chegamos todos ao Salto sem maiores novidades... Realmente bonito. Mas eu não fôra ver paizagem nem a represa do Rio, não sei se Pardo ou Paranapanema. Um dos dois. Tiramos por isso mais photographias e voltamos.

Vi a igreja. Passei por um campo de football. Estive perto do Cinema cujo proprietario e empresario já me haviam visitado antes e pedido para exhibir o film da estrella de Ipaussú. Igreja, campo de foot-ball e Cinema ha em toda a cidade... Avistei tambem o cemiterio. Pequenino. Perdido entre a riqueza formidavel dos pés de café. O de wallstreet talvez não esteja numa situação tão previlegiada. Mas não sei se foi inaugurado como nas anecdotas...

Vi, então, que Ipaussú não era cidade do "far-west"...

Só de uma cousa eu sei. E' que já tinha visto os principaes pontos da cidade. Estava quasi na hora do trem. Obtive a concessão do pae de Didi para que ella fosse a estrella de "Saudade" e muito pesarosamente só pude provar do banquete que a familia della me offereceu. Tinha que voltar de novo a caminho da estação. Na passagem, conheci Miss Ipaussú. Uma porção de gente nos apontava.

Quando o trem partiu, fui para a plataforma do ultimo carro, corresponder ao aceno de despedida de Didi Viana, até perdel-a de vista...

Emquanto ella ficava cercada de curiosidade, e anciosa para vir ao Rio começar "Saudade", eu vinha pensando quanto tem progredido o Cinema Brasileiro que já vae assim tão longe buscar os elementos que precisa para o seu triumpho. Senti-me orgulhoso da minha missão. E tambem na necessidade de termos um Cinema bem Brasileiro, pelo menos, para que nos conheçamos melhor a nós mesmos.

O Brasil é tão grande, que é mais facil um brasileiro conhecer paizes estrangeiros do que viajal-o todo. O trajecto entre Paris e Berlim é muito mais facil, e muito mais commodo do que entre Rio de Janeiro e Ipaussú. Imaginem agora o que não será percorrer estes oito milhões quinhentos e vinte cinco mil kilometros quadrados ..

Assim como a Phebo já nos revelou Cataguazes, assim Maria de Lourdes Campos Viana que é o seu nome verdadeiro, nos mostrou Ipaussú

E com a victoria indiscutivel do Cinema Brasileiro, nós aprenderemos a nos conhecer melhor, e a mostrar ao mundo o que realmente somos.

E assim, mais uma victoria de "Cinearte".

Didi chegou ao Rio, de automovel, na sexta-feira atrazada, a noite. No sabbado já recebia o baptismo da camera, num "test". No dia seguinte, bem cedo, já seguia com o "unit" da Benedetti Film, em "locação" na ilha Jurubahyba. Era "Saudade" que começava...

Não é solteira, nem casada, nem viuva...

(FIM)

tratavam commigo de negocios. Evitei enamorar-me. Mas, um delles, propoz que fosse com elle para o Mexico.

— Mas eu não poderia casar-me com você mesmo que estivesse apaixonada...

— E por que?

— Porque meu marido não permittiria...

Ha divertimentos até nas perplexidades das situações complicadas...

E, outra cousa começou a me preoccupar e a me aborrecer. Era a rivalidade existente entre os homens que, sem direito, reclamavam sobre o meu interesse para com este ou aquelle. Em primeiro isto me era desairoso. Henry nunca fôra ciumento ou jamais se mostrara contrariado por eu manter esta ou aquella amizade. E era por isso que eu me achava em situação difficil diante daquelles homens que quasi brigavam por mim sem terem a menor razão para o fazer...

Arranjei, depois, novas amizades. Pessoal fino. Dedicado á literatura e á musica. E, apaixonada tambem, por esses modos de fazer arte, deliciava-me ao lado delles. Mas... Não se póde viver feliz! Já todo mundo começa a pensar que se está apaixonada por fulano ou por beltrano. Engraçado!...

E, cousa impagavel, era mais livre quando era casada... E, assim, só poderei pertencer a outro, quando houver pertencido a mim propria...

Hombros de Heróes

(FIM)

dourada illusão e conserve o orgulho tão bom de haver possuido um pae heróe.

Naquella mesma noite, Slag, em companhia dos seus dois tenebrosos companheiros, arromba o cofre de Cartwright. Possuidor de elevada quantia, illude a ganancioso vigilancia dos camaradas, partindo só, com a somma inteira sem lhes distribuir os seus quinhões. Uma carta chega á casa dos Jornaes, para o pequeno Tad. Da Escola Militar e escrevem-lhe que um bemfeitor anonymo o havia inscripto como alumno e pago todas as despezas sendo então o pequeno rogado a comparecer á escola onde, pelas referencias feitas a seu Pae na Grande Guerra, seu advento dispensava quaesquer recommendações. Tad julga attingir o setimo céu. Na escola, elle se torna o rival do pequeno Eddie Cartwright, que, como todos os outros collegas, era um admirador fervoroso da pequenina Mary Jane, a linda filha do Commandante. Interessado em aprender a tocar corneta, Tad senta-se a sós, em um canto afastado do parque do collegio, onde lhe apparece, subitamente, aquelle mesmo homem feio com quem elle havia, certa vez, conversado na rua.

Slag havia conseguido empregar-se nas cavallariças da escola com o unico intuito de acompanhar, embora incognito, o filho querido e seguir-lhe os passos da carreira gloriosa. Não queria mais ser ladrão, fazia esforços para não mais beber, tentando tornar-se digno do filho que o ignorava. Como aquelle som de corneta mal tocada espantasse os cavallos na cavallariça, Slag veiu ver o que era aquillo, dando, de chofre, com o filho querido a tentar tocar, com vãos esforços, o interessante instrumento. Para captar-lhe as sympathias, o sympathico estribeiro ensina ao garoto como se deve tocar. Uma amizade mais sólida se estabelece, então, entre os dois.

No dia seguinte, os cadetes tomam a primeira lição de equitação. Slag escolhe para Tad o cavallo mais manso da estribaria. Durante os exercicios, o olhar malicioso da pequena Mary Jane faz com que o incauto Tad aperte o esporão na barriga do cavallo, acontecendo, então, que, apezar, de ser "o mais manso", elle se espante, salte, pule e dê com o pequeno no chão. Mas Slag havia corrido em sua defeza e isso impede que elle se machuque muito. O pequeno ergue-se, corado, envergonhado e ao Commandante penalisado, elle accusa Slag de lhe haver dado o cavallo mais bravo da Escola como se fosse o mais manso. Slag resente-se com aquella injustiça e, recolhido ao seu modesto quarto, ao lado das cavallariças, entrega-se ao esquecimento, a beber whisky em grandes dóses. Mas uma mãosinha hesitante bate á porta e Tad vem encontrar o seu amigo embriagado. Viéra pedir-lhe perdão da scena daquella tarde e... que decepção! era assim que o encontrava... Slag, desnorteado, então pronuncia alto palavras de odio e de revolta. O Commandante passa ao lado, pela porta do quarto, e Tad, aterrorisado, aperta com a mão a bocca de Slag para que suas palavras não sejam ouvidas, para que elle não seja despedido. Isto vem mais ainda apertar o laço de amizade existente entre a creança e o bom ladrão.

Durante a parada que se realiza no collegio, nos meiados do anno, Slag tem occasião de enconrtar Cartwright que ali está, todo orgulhoso do seu filho, a assistir os exercicios, do seu rico Packard. A figura que Tad faz, a tocar corneta ao lado do Commandante, não é, em nada, inferior á do pequeno Eddie. E Slag, com um brilho intenso nos olhos, murmura, quasi ao ouvido do seu antigo superior: — Aquelle garoto desempenado que ali vês, é meu filho. Em que é inferior ao teu?

Cartwright, ironico, responde: — Talvez na maneira por que entrou para a Escola... Não me esqueço de que elle aqui não estaria se não fosse *aquelle dinheiro que me pediste emprestado*

— Olha, Cartwright, se revelares a minha identidade a Tad ou a quem quer que seja, terás que te haver commigo... Em dois tempos esmago-te este pescoço de tartaruga.

— Não approvo as tuas *boas intenções* a meu respeito, mas approvo as que tens quanto a teu filho. Sei que apenas queres o seu bem e não me importo de ter concorrido, embora involuntariamente, para a realização do teu sonho e a carreira do teu garoto.

Após a brilhante parada, o pequeno Eddie convida Mary Jane para tomar um sorvete na sorveteria mais proxima. A graciosa garota, avistando Tad, com quem tantos doces olhares e amaveis palavras havia trocado, convida-o, tambem, para acompanhal-os. Na sorveteria, Tad e Eddie rivalisam em offerecer á glutona pequena o maior e melhor numeros de sorvetes. Mas a terrivel garota, depois de haver aproveitado de tudo o que os dois pequenos lhe offereciam, acceitava agora uma "banana real" de um outro alumno da Escola, que lhe estava a lançar uns olhares calculados, *á la* Von Stroheim... O pequeno Eddie, desconsolado, murmurou, voltando-se para Tad: — Que grande voluvel!... E Tad, encolhendo os hombros, com uma amarga philosophia, declarou, convencido: — Muito soffre quem ama... Meu amigo, todas as mulheres são assim... E, unidos na desgraça, os dois engraçados pimpolhos retiraram-se, dignos, deixando a pequenina Manon a devorar gulosamente, o seu phenomenal sorvete.

Emquanto os dois pequenos se achavam na sorveteria o pobre Slag, no seu modesto quarto, limpava, tranquillamente, a corneta de Tad, quando, com indizivel e inenarravel

(Termina no fim do numero).

Porque Fracassam os Casamentos em Wollyood

(F I M)

em que a sua bolsa tem estado recheada, ou as outras em que, pelo contrario, tem estado vazia, com tudo isso ella jamais se sentiu abalada no circulo de suas amizades, *nunca perdeu um amigo*.

Quando Hollywood se defende é porque ha qualquer motivo que justifica a sua attitude.

* * *

— Tudo quanto me tem succedido — disse Blanck enroscando-se encantadoramente no sofá, com aquelle arzinho enleiante todo seu — tem sido por minha propria culpa. Eu reconheço isto agora. Julgo que tambem não o desconhecia quando as coisas não me corriam bem. Quando eu senti fracassar no meu trabalho, foi porque eu mesma não queria intervir propriamente na minha vida individual, no momento. Ora, que poderia eu esperar? E tudo se tem occorrido com a mesma fatigante monotonia de sempre, tudo o mesmo...

Parou, meditou longamente no que ia falar, olhos fixos, o rosto num mixto de preplexidade e alegria.

— Eu podia imprimir outra direcção aos meus actos, as coisas poderiam se occorrer differentemente. Mas preferi fazel-o como fiz. Eis o facto nu e cru sem subterfugios.

"Sempre temi as entrevistas. Não é que eu não goste de falar a meu respeito. Gosto. E quem não gosta de falar de si mesmo, de objectivar aquillo que pensa e sente? Quem? E' simplesmente que nenhum de nós fala a verdade a respeito de si mesmo. A maioria de nós não a sabe, não conhece a razão de ser dos seus proprios actos. A maior parte não ousaria revelar a verdade, se a conhecesse. Talvez seja doloroso, triste, torturante. Cada um de nós vê a si mesmo como realmente é!... Duvido que isso se possa dar... Duvido... com franqueza! E' melhor estarmos illudidas... illudirmos a milhões de creaturas e sentirmos nós proprias os effeitos dessa illusão... E' mais commodo...

Falámos a proposito dos casamentos de Hollywood.

Blanche Sweet havia finalmente desfeito o seu casamento de ha tantos annos. Fôra um passo violento e doloroso na sua vida. Os factos dolorosos e lamentaveis parecem se occorrer sempre com pessoas que não encaram as coisas levianamente. A's vezes, para maior brilhantismo, as afflicções se incrustam ao texto da historia da nossa vida.

— Ninguem jamais pode comprehender — diz Blance, com os seus olhos fitando um horizonte invisivel para mim, o horizonte vago, confuso do passado, talvez — ninguem jamais comprehenderá o quanto isso me foi difficil e doloroso. O pequeno drama domestico... as desillusões... as multiplas circumstancias inenarraveis... As divisões... a occorrencia de factos que jamais se repetirão... a separação de objectos que jamais serão usados... O "adeus"... E eu tentei... Eu tentei por todos os meios possiveis ter bom exito no meu casamento. Justamente talvez porque eu visara o successo... tão grande...

* * *

Micky possue todos os requisitos que eu visionava num homem. A's vezes eu julgo que sou uma pessoa muito difficil com quem algum homem possa conviver. A perfeição é uma coisa cuja existencia não posso admittir. E isso seria provavelmente odioso se existisse.

"Antes de mais nada eu desejo um homem de outra especie. Um espirito encantador. Um homem que possa entrar num quarto e criar uma impressão, um homem que gosta do athletismo, um homem razoavelmente habil em qualquer coisa que faça, um homem com uma presença e com um physico que me attraiam. Todo mundo que conhece Micky sabe que elle possue todas essas qualidades. Admiro-o. Respeito-o. Elle é vaidoso, mas com a vaidade inofensiva de um garoto. Tanta vaidade, como possue um homem qualquer, julgo eu. E' o unico homem que eu amei. Oh, algumas brincadeiras de tempos atraz! Mas eu nunca procurei intimidade com outros meninos.

"Eu ás vezes penso que o amor é a palavra mais abusivamente usada de todo o vocabulario. Ella não deveria ser empregada abusivamente, mas sómente usada em casos em que mereça ser attribuida a sua acepção.

"Amor devia ser a palavra de poucas vezes. Rara.

"Jamais pude comprehender uma mulher que, havendo devotado amor a um homem, que, tendo vivido matrimonialmente com elle durante annos e que, quando se separa, começa a falar mal delle, a estigmatizal-o, a criticalo, a condemnal-o, a pravoejar vilezas e infamias. Isso não pode ser amor: nem nunca foi. Porque uma vez que amámos realmente, amámos para todo o sempre. O amor não está dependente do que um homem faça ou não possa fazer, por ou para nós. Não póde subordinar-se aos calculos arithmeticos. Uma vez que tenhamos amado um homem com um amor real, o amaremos sempre, seja elle quem e o que fôr. O amor não se pode pautar pela mathematica dos interesses materiaes. E' livre. Não depende de coisa alguma. Podemos nos convencer da impossibilidade da vida em commum, mas o amor persiste e a gente continua a nutrir o mesmo affecto pelo objecto amado toda a vida.

* * *

"Quer me parecer que maioria dos fracassos em casamentos entre personagens do "ecran" não procedem da falta de amor, nem por culpa de outros homens ou mulheres, nem pelo excesso de egoismo, nem pelo excesso de dinheiro ou alguma coisa entre os outros motivos aventados. Os casamentos nos *studios* fracassam pela falta de habito.

"A vida em si mesmo possue noventa por cento de habitos. As coisas firmes e estaveis do mundo são devidas ao habito. As vagas como até o systema solar parece tambem reger-se pela lei suprema do habito.

O matrimonio tambem, entre as causas que o justificam, noventa por cento das ponderaveis, contam-se os costumes. Sem costumes formados nenhuma moral pode arraigar e viçar: sem raizes coisa alguma pode crescer e viver muito tempo.

"Nos *studios* não dispomos nem de tempo nem temos necessidade de formar habitos.

"Não podemos possuir nada, gozar coisa alguma da verdadeira vida matrimonial. Nem de uma hora determinada podemos dispôr para estar um com o outro. Nem a hora do almoço e do jantar. As esposas dos *studios* raramente podem gozar da intimidade dos seus maridos nas horas do café. As esposas do *ecran* nunca esperam ouvir o rangido das chaves dos seus maridos á noite.

"Se temos filhos a quem devemos uma parcella do nosso affecto, ao segural-os, devemos evitar amamental-os, porquanto o tempo é sufficientemente incerto para não crear o habito de cuidar delles por nós mesmas.

"Não dependemos um do outro para coisa alguma. Nem para a distração, nem para o conforto, quando nos sentimos exhauridos e deprimidos. Nem mesmo como supporte financeiro na maioria das vezes.

Não creamos nenhuma raiz commum, não estabelecemos nenhum vinculo em que se possa fundamentar uma affeição sadia. Vivemos separados como se não fôramos casados desde o dia do matrimonio até o dia do divorcio, se tanto.

"Não é Hollywood que faz naufragar os casamentos do *ecran*, nem é o proverbial *outro homem*, nem a *outra mulher*. E' a falta de convivio, é a falta de uma vida em commum.

"A necessidade de um homem para cada mulher, e de uma mulher para cada homem. A fusão de duas vidas numa só, o connubio de duas sensibilidades fundidas numa só sensibilidade é mais forte e mais poderosa do que qualquer motivo de ordem affectiva."

* * *

Succedeu um silencio na sala em que eu estava sentado com Blanche Sweet. Blanche Sweet, a *girl* encantadora com o vestido decotado, vestida num azul ceruleo, com o cabello curto em tufos desordenados, com uns modos pueris e graciosos, um sorriso vivo estampado nos labios, um olhar accentuadamente feminimo... Escarmentada. Resignada. Acostumada ao soffrimento.

Falei.

— E o que vae fazer? Que planeja realizar... dagora em diante?

Blanche fez o seu pequeno gesto graphico. A ondulação da mão que nos scientifica do quão futeis são todos os problemas, num mundo em que tudo é incerto a não ser o passar do tempo e o fluxo e refluxo das ondas.

— Sei lá? Nada tenho melhor a fazer do que casar-me outra vez. Estou solteira. Provavelmente nunca o farei. Como já lhe disse reclamo muita coisa agora. Trabalho, espero. Que mais? Trabalhei toda a minha vida pela mais forte razão do mundo: — Por que precisava. O traço forte da minha personalidade e da minha vida foi sempre o meu trabalho. A minha vida foi sempre uma sucessão de triumphos e fracassos, amarguras e decepções... Mas a culpada de tudo sou eu mesma. Nas horas vagas adoro o jogo de *base-ball*. Nunca o perco. Tenho preferencia por certas especies de jogos athleticos. Nunca faço cousa alguma tão bem, como quando tenho um bom pedaço de tempo para empregar nelle. Tenho uma avó que me é do mesmo tempo, mãe, pae e amigo. Tenho todas as minhas amizades inalteradas desde o começo. Como vê, não posso ser propriamente uma amargurada ou desilludida. Tenho encontrado sempre dedicações firmes, solidas e leaes. Além de tudo isso tenho a minha propria pessoa a quem agradecer.

"Vivo. A vida por si só já constitue um triumpho, um motivo de regosijo. Não acha?

Billie Dove e Iving Willat divorciaram-se. Dizem os malvados que elle não aturava mais os maus tratos que ella lhe fazia com os seus films falados...

Nils Asther, em 1929, recebeu, de "fans" do mundo todo, 190.000 cartas.

"Smilin' Through", o film que Norma Talmadge fez, ha annos, sob a direcção de Sidney Franklins, vae ser refilmado com Joan Bennett no principal papel.

A Paramount está com vontade de fazer films em "esperanto". Aliás é a unica solução. Porque, caso contrario, a babel vem abaixo com um diluvio peior do que o do film de Michael Curtiz...

"Queen Kelly", o film de Gloria Swanson que fôra archivado, vae sahir distribuido pela United. E' aliás mais um dos sonhos desfeitos do genial Eric Von Strohein.

No rodopio da vida

(F I M)

lhaço, ante essa ameaça, sente-se de véras abatido, porque ahi começa a ver o mal que lhe vem fazendo Sylvia, tão intrigante, afastando-o daquella a quem deve o seus dias felizes e que, para livral-o da completa ruina pela embriaguez, tanto se sacrificara.

—

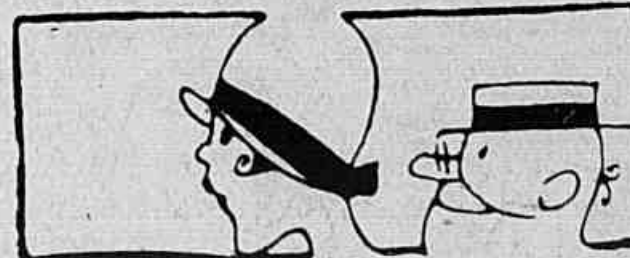
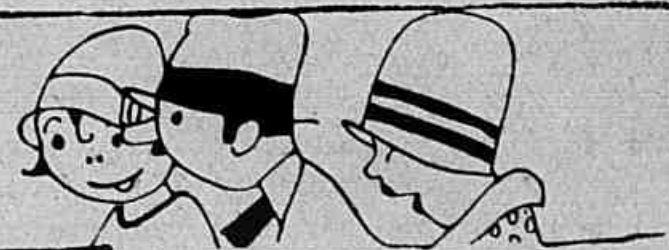
Bonny está agora na fazenda de Harvey, em pleno oeste norte-americano. Lá espera o seu divorcio para consorciar-se novamente. Mas certo dia, voltando de um passeio pelo campo, recebe um telegramma que lhe manda Lefty, o antigo empresario, pedindo-lhe vir ajudar "Skid" a levar a effeito o seu acto. O facto é que o palhaço, depois da carta de Bonny dando-o por perdido e dizendo-lhe que ia requerer divorcio, brigara com Sylvia, a causadora das suas infelicidades, voltando a afogar em alcool as lembranças do passado. Lefty, na necessidade de um comico para o seu espectaculo, de novo contratava "Skid", porém o homem longe da amizade controle de Bonny, anda a cahir aos pedaços, em completa ruina. E é para dar "um geito" na vida do palhaço que o empresario Lefty manda chamar Bonny, cujo casamento com o outro está marcado para breve...

—

"Skld" e Bonny encontram-se no palco onde pela primeira vez falaram de amor, onde num mesmo acto, como marido e mulher, tinham feito o seu nome conhecido — e desta vez para não mais se separarem...

Camilla Horn, da téla allemã, tambem gosta do divorcio. O seu marido Klaus Geerz andava furioso porque ella estava no Cinema.

* * *

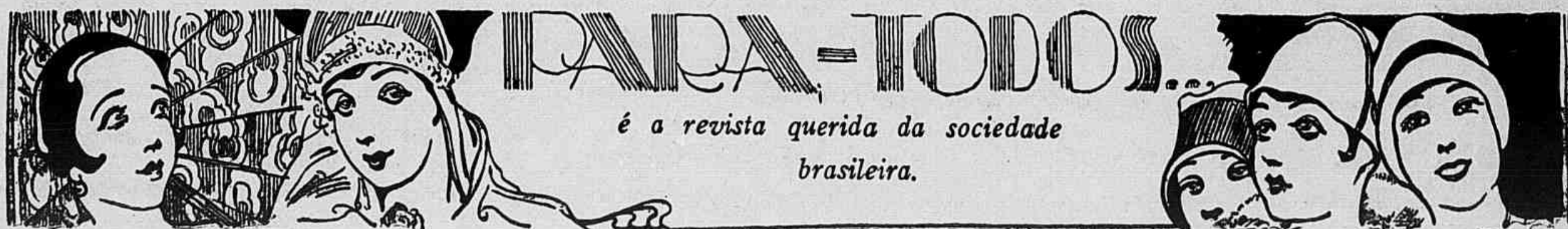
Clara Bow esteve na censura. Isto é, andou levando uns córtes no appendice. E andou muito doente.

Hombros de heroes

(F I M)

surpresa, viu entrar pela porta a dentro, seus dois antigos companheiros de roubo e malandragem, a lhe reclamar os seus quinhões da quantia de Cartwright.

—Se não queres ver revelada a tua identidade, que saibam que és John Collins, pae do pequeno Tad, vae já buscar o coffre da Escola, que aqui te esperaremos.

Tudo, tudo era capaz de fazer para não submetter o filho á vergonha de tel-o como pae! Prompto! O cofre ali estava, fossem embora agora, pelo amor de Deus! Mas o pequeno Tad, que, ao voltar da sorveteria, encontrára a porta do collegio já fechada, corre ao quarto do seu amigo, contando, como sempre, com o seu auxilio para todas as difficuldades. Trouxera-lhe de presente um cachimbo comprado com o seu dinheiro. Ia causar ao velho Slag um tão vivo prazer! Mas ao penetrar, de sopetão, no quarto do seu amigo, tem a horrivel surpresa de encontral-o a dividir o conteúdo do cofre da Escola entre aquelles dois sujeitos de má cara e de aspecto duvidoso. Pelas palavras que um delles pronuncia, não resta a menor duvida: Slag é um ladrão. Indignado, o pequeno Tad atira ao chão o cachimbo que se parte pelo meio. Não! Elle não quer mais saber de amizades com um bandido que roubava a Escola que o beneficiava! A revolta do pequeno, energica e desdenhosa, desperta em Slag uma onda de vergonha e de coragem mais forte do que tudo. Era uma vez dois homens ousados a reclamar dinheiro! E, destemido e furioso, avança contra elles como uma féra, entregando, porém, antes, o cofre a Tad e recommendando-lhe que o vá collocar no logar. O pequeno Tad tambem quer participar da luta. Fôra um momento de fraqueza passageira aquelle roubo, mas a bondade e a rectidão de caracter do seu amigo volviam a imperar no seu espirito. e elle ali estava, nobre, bom, corajoso a lutar para não fraquejar! Subitamente, empunhando um utensilio de trabalho das cavallariças, Tad avança contra os homens, que atterrorizados recuam, a principio, apontando, porém, um delles, para Tad, uma espingarda que dispára. Mas Slag se havia lançado á frente do filho, recebendo assim, para salvar-

lhe a vida, a morte em pleno coração. Os dois bandidos, apavorados, desapparecem. E Slag morre, feliz, nos braços do filho a chamal-o, a dizer-lhe palavras carinhosas ao ouvido...

Na Escola, Slag não póde ser enterrado com as honras de um bom soldado, como Tad solicita do Commandante. Seus documentos não foram encontrados. Elle era apenas um empregado das cavallariças. Seus certificados, elle os havia lançado ao fogo, de medo que o pequeno viesse a descobrir quem era seu pae... Ninguem suspeitava da sua identidade. Morria heroico e ignorado. Fizera o sacrificio de esconder a sua loucura pelo filho afim de conservar nelle aquella illusão de ter tido um pae glorioso e extraordinario. Mas morria contente. Contente porque puzera aquella creança no bom caminho, no caminho do dever e do patriotismo. Seu filho seria um bom soldado. Nunca sentiria a vergonha que o pae sentira em ser um ladrão. E' verdade que elle roubara dinheiro a muita gente, mas resgatava o seu mal com esse presente que fazia á patria, na pessôa de seu filho bom, nobre e bravo. Isto tudo elle pensou no momento da morte. E a agonia poz-lhe nos labios um sorriso de belleza que o transfigurou. A sua physionomia repellente parecia illuminada por um sol interior.

—

Junto á humilde sepultura que se cavara em um recanto sombrio do velho parque da Escola, a figurinha commovida do pequeno Tad chóra pelo seu amigo que ali repousa. As arvores silenciosas, as avesinhas descuidadas e o riacho sussurrante que por ali passa, ouvem o brado triste da corneta do joven alumno da Escola a tocar as modulações da hora do recolher, que o amigo morto lhe havia ensinado... E, como unica homenagem que podia prestar á sua querida memoria, o pequeno Tad, encrava, na terra fresca da sepultura, a medalha que seu glorioso pae havia conquistado na guerra, na qual apenas duas palavras eloquentes estavam gravadas:

"For Valor".

Especial para "Cinearte".

L. L. CARLOS

Honra de mulher

(F I M)

surpresas. E no palacete de JACKSON encontrou, realmente, velhos amigos que lhe festejaram a presença com os mais inequivocos testemunhos de alegria... Mas aquelle jantar intimo nada mais era do que um pretexto para attrahir LADY HELENA á sua intimidade e dizer-lhe dos desvarios da sua paixão por ella. E foi assim que, a sós no seu amplo gabinete, com LADY HELENA, com grande surpresa desta entregou-lhe, perola a perola, o seu collar... LADY HELENA comprehendeu tudo e recusou-se a acceital-o por não haver um titulo digno que justificasse a dadiva. JACKSON pediu-lhe então consentisse em casar-se com elle,

pois lhe votava grande amor... Mulher de honra LADY HELENA que já não dispunha de recurso nenhum abriu a alma para a mais rude das confissões: acceitava, sim, a proposta de JACKSON, porque a sua situação era de desespero, mas lhe avisava que todo o seu amor pertencia a um homem que ella desfeitiara mas que não mais tornara a ver. JACKSON acceitou as suas razões e, com um respeitoso beijo lhe depôz no collo o collar maravilhoso — o seu presente de noivado...

Rodeada dos velhos amigos LADY HELENA em outra sala do palacete JACKSON recordava os seus tristes tempos de outr'ora, quando o noivo recebeu a visita de NELSON que regressava a Nova York, depois de longa ausencia. E com indizivel alegria, JACKSON vendo-o participou-lhe que se ia casar com LADY HELENA... Ouvindo-o, NELSON narrou-lhe toda a humilhação que ella lhe inflingira naquella noite, de que não mais se esqueceria, contando ao amigo que sua irmã, naquelle momento internada num hospicio, sempre lhe provocara os maiores aborreciments com a sua mania de roubar ao jogo... Ligando ao que NELSON lhe dizia o que LADY HELENA lhe tinha dito, JACKSON comprehendeu que era a NELSON que ella amava... E, assim, comprehendendo que não podia ser feliz, apressou-se a dizer a LADY HELENA que se arrependera do compromisso e que o desfazia, pedindo-lhe desculpas. LADY HELENA encarou o golpe com serenidade e despojando-se do collar que, desse modo, deixaria de ser seu, desceu as altas escadarias do palacete, vestiu o seu rico manteaux e pediu ao porteiro não chamasse o automovel que ella iria mesmo a pé... Detendo-se poucos metros depois da porta do palacete JACKSON, LADY HELENA sentiu no turbilhão e no tumulto do movimento da rua, naquelle instante, que não precisava ir mais longe para executar o sinistro plano do seu suicidio. E cerrando os olhos sob o pavôr do proprio gesto desesperado — precipitou-se sob as rodas do primeiro carro que appareceu... Levada para o interior da casa de JACKSON, ahi, o medico, chamado com urgencia, verificou que ella nada soffrera, apenas a violencia do choque... Abrindo os olhos, passada a pertubarção que a vencera, LADY HELENA viu, ao seu lado, NELSON e ouviu de JACKSON que elle NELSON era digno do amor della, pois sempre fôra um correcto cavalheiro. E num longo beijo, beijo em que pôz todas as ardencias desenfreadas do seu grande amor, LADY HELENA reconquistou a felicidade que sempre merecera mas que o Destino sempre teimara em lhe negar...

(De BARROS VIDAL, especial para "Cinearte").

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$—
Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia. como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada. com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037. Officinas: Villa 6247.

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

O Mais Bello Livro das Creanças

O LIVRO DE CONTOS DOS RICOS; O LIVRO DE CONTOS DOS POBRES

ALMANACH DO O TICO TICO

PARA 1930

Contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamim, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina, tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

Se não existe jornaleiro em sua terra, envie 5$500 em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do correio á Soc. An. O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21, Rio, que será remettido ao seu filhinho um exemplar desta primorosa publicação infantil.

A' venda em todos os jornaleiros do Brasil

Officinas Graphicas d'O Malho